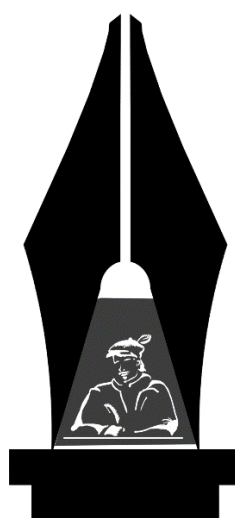


6º Prémio Internacional



PENA DE OURO

— 2025 —

SEMIFINALISTAS *do*
Prémio Internacional
PENA DE OURO
do ano de
2025

— Categoria CRÓNICA —

A dor que nasce do amor

Plauto de Lima

Foi na sexta-feira, dia 19 de setembro de 2025, que meu pai descansou. A partir desse momento nasceu em mim um sentimento que nunca havia experimentado antes. Um vazio, algo parecido a despencar de uma grande altura, tentando se segurar em alguma coisa, buscando sustento, mas encontrando apenas o vazio de todos os lados, tendo como única certeza o impacto final. E o impacto chegou: o corpo inerte, frio e apático, deitado em um caixão estreito, o leito derradeiro.

Ao meu lado, outras pessoas pranteavam comigo. O respeito e o carinho se manifestavam de várias maneiras: em um abraço afetuoso, num aperto de mão respeitoso, no encontro de olhares solidários, em palavras de conforto. Todavia o luto é íntimo, pessoal, e carrega uma dor difícil explicar de onde surge ou como se alivia.

Existem diferentes modalidades de dor. No caso do meu pai, que já estava em estado terminal na UTI, pedimos aos médicos que aliviassem a dor física. Entretanto quando falo de luto, não me refiro à dor que a morfina e outros anestésicos podem suspender. Refiro-me à dor como sentimento, essa que, paradoxalmente, é proporcional ao amor. Quanto maior o amor, maior a dor. Foi no luto que percebi essa antítese absurda. Portanto, o avesso do amor não é o ódio. O ódio é ausência de amor. A dor da perda, sim, é o excesso de amor.

Olhando para minha mãe, percebi que, mesmo contristada, ela se manteve serena. Creio que compreendia algo profundo: quando duas pessoas se casam, uma sempre terá de enfrentar a dor de perder a outra. Coube a ela viver esse momento. Recordo-me do ensinamento de C. S. Lewis: *“A perda não é a mutilação do amor conjugal, mas uma de suas fases regulares, como a lua de mel.”*

E como é forte o amor! Constatei isso quando entramos na UTI: eu, minha mãe e uma tia. Antes, a médica nos alertou que o corpo de meu pai já não tinha qualquer sensibilidade e não poderia mais realizar movimentos. Cientes disso, entramos naquela gélida sala, onde os leitos eram ocupados por moribundos.

Minha mãe se colocou à esquerda de meu pai e começou a conversar com ele. Acariciando-lhe o rosto, repetiu a promessa feita no altar. Então, para a surpresa dos profissionais de saúde, ele iniciou um movimento com imenso esforço. Talvez o maior de sua vida e, certamente, o último: ergueu os braços até conseguir repousar sua mão sobre a

da sua amada. Vi naquele gesto a mais pura homogeneidade espiritual do amor, fundido na decisão de duas vidas que escolheram caminhar juntas.

Aprendi, nesse luto, que todo relacionamento humano termina com dor. Esse é o preço do pecado, a extorsão de Satanás pelo privilégio do amor. É o nosso Getsêmani. É como se Deus se ausentasse para que sentíssemos um pouco daquilo que Seu Filho suportou na cruz.

Não sei exatamente o que acontece após a morte. Como cristão, creio na eternidade com Cristo. Contudo sei que ainda tenho muito a aprender. E aprendi recentemente com Lewis que *“é difícil ter paciência com pessoas que dizem: ‘A morte não existe’ ou: ‘A morte não importa’. A morte existe. E tudo que existe importa. Tudo que acontece tem consequências, e tanto um como o outro são irrevogáveis e irreversíveis.”*

Apesar da dor que o luto traz, ele também revela a grandeza do amor que vivemos. Se o impacto foi inevitável, o gesto da mão sobre a mão foi o meu paraquedas: prova de que o amor resiste ao abismo. Cada lágrima é a prova de que tivemos o privilégio de compartilhar a vida com quem tanto significou. Que essa ausência não seja apenas um vazio, mas um convite a continuar honrando a memória de quem partiu.

A morte me segue no instagram (e curte tudo que eu nego sentir)

Bruna Tang

Tem gente que diz que a morte é um tabu.

Eu discordo. A morte é uma stalker.

Silenciosa, obsessiva, e com tempo livre suficiente pra acompanhar cada passo meu — inclusive aqueles que eu dou só mentalmente, deitada, suando frio em crises existenciais que começam com um “será que tranquei a porta?” e terminam com “será que já vivi o suficiente pra morrer com dignidade?”

Ela não tem pressa.

Mas tem pontualidade britânica.

A morte é uma velha conhecida. Eu e ela já nos cruzamos em vários momentos: num quase afogamento, num acidente de carro, num gole errado, num exame de sangue que veio com asterisco.

Ela nunca vem sozinha. Sempre manda primeiro um spoiler: uma tontura, um medo inexplicável, uma mensagem do laboratório pedindo pra “repetir os exames com urgência”.

E mesmo assim, eu finjo que não a vejo.

Bebo mais vinho.

Posto um story com frase de Clarice Lispector (que talvez seja da Inês Brasil, ninguém mais tem certeza).

E sigo.

Porque o mais assustador da morte não é ela chegar. É a vida continuar depois.

Depois da morte dos outros, claro.

A primeira vez que vi alguém morto eu tinha uns 11 anos. Era um vizinho. Caixão aberto, velório abafado, cheiro de flor e lágrima disfarçada. Lembro que a única coisa que pensei foi: *“Ele tá com a cara muito diferente.”*

Ali começou meu medo de morrer feia.

Sério.

Antes de pensar na alma, no destino, na herança genética, no testamento emocional... eu pensei: *e se eu morrer num dia ruim de cabelo?*

Ao longo da vida, a morte foi mudando de papel.

Na adolescência, ela era drama. Aquela presença gótica que te espreitava quando o paquerinha não atendia o telefone fixo. Nascia ali o flerte com a tragédia: “Ai, se eu morresse agora, ele ia se arrepender TANTO...”

Na juventude, ela era distraída. A gente furava sinal vermelho, bebia vodka com Fanta Laranja, andava de moto com gente sem capacete e jurava que era imortal.

A morte, nessa fase, era uma hipótese longínqua. Quase um boato. Quase uma invejosa do nosso pique.

Na meia-idade... bom.

Na meia-idade ela muda de nome: check-up.

Hoje, ela bate diferente.

Bate no peito, às 3 da manhã, como uma ansiedade travestida de taquicardia.

Bate na espinha quando você descobre que alguém conhecido morreu de um negócio que você achava que era frescura. Bate no bolso quando percebe que o plano funerário custa quase o mesmo que um plano de saúde.

E quem disse que um exclui o outro?

A morte se tornou parte da conversa, do cardápio, da agenda.

Está no noticiário, no sensacionalismo ao vivo, nos stories em preto e branco.

É tanto luto digital que eu já tô pensando em colocar “morreu, foi?” de mensagens automáticas pra responder post sépia tétrico com poema de gratiluz.

E quanto mais a morte se aproxima, mais sinto que a vida me testa.

Ela me provoca com boletos, dietas, burocracias, filas, aplicativos mal programados e gente que diz “te ligo já” e nunca liga.

Me pergunto: é isso que temos pra hoje? Essa maratona de manter-se vivo no automático, enquanto a morte espera, paciente, tomando um chá de camomila e revisando sua lista?

E o pior: ainda tem que escolher jazigo?

Me recuso.

Se depender de mim, me joguem numa caçamba com dignidade e deixem que o destino me recicle.

Porque olha, sinceramente?

Eu sou mais útil misturada com entulho do que enfeitando um mármore frio com nome gravado em dourado.

Não quero homenagens póstumas.

Quero sinceridade em vida.

Quero que me digam “você tá insuportável hoje, mas eu te amo mesmo assim” antes que minha alma peça as contas.

Não quero missa de sétimo dia.

Quero queimar a língua no café com alguém que discorde de mim, mas me ouça.

Quero gargalhar de piadas imbecis no WhatsApp sem ser julgada.

Quero ler livros pela metade e dizer que amei. Quero fingir que entendi o final daquele filme existencialista só pra parecer culta.

Quero existir sem a obrigação de ser relevante.

Porque a morte vai me levar de qualquer jeito.

Mas quero que ela saiba que teve trabalho.

Imagino minha lápide:

“Ela não fez tudo. Fez o que deu.

E o resto, riu.”

Ou talvez:

“Aqui jaz uma mulher que pediu pra não ser incomodada nem depois de morta.”

O que me irrita na morte não é o fim.

É o espetáculo que se faz em cima.

É o uso do falecido como cenário emocional pra likes, stories, textão em rede social.

É o grito que sai do nada só pra mostrar que sentiu mais que os outros ou aliviar alguma culpa.

É o primo que não aparecia há 20 anos e vem perguntar:

“e a herança?”

É o discurso vazio no microfone da capela, tentando fazer parecer que ali havia uma santa, quando, na verdade, havia uma pessoa. Com falhas. E Menopausa. E playlists duvidosas. E desejos que nunca confessou.

Aliás, já aviso: se me fizerem velório, não me deixem de tampa aberta.

Ou eu volto pra morder quem permitiu.

Meu maior medo é morrer e virar coitada.

Ou pior: motivação.

Tipo virar o “exemplo de superação” que alguém usa pra mostrar que a vida continua.

“Ela morreu, mas olha aí: eu comprei esse carro novo e recomendo!”

Não, amor.

Me esquece com respeito.

Quando penso em morrer, penso também em tudo que não quero deixar.

Não quero deixar dívidas, mas vou.

Não quero deixar coisas mal resolvidas, mas já é tarde. Não quero deixar gente que dependa de mim, nem minhas plantas.

Também não quero deixar um histórico de navegação comprometedor.

Alguém, por favor, apague meus cookies..

Na minha visão romântica (e levemente psicótica), a morte deveria ter uma trilha sonora decente.

Algo entre Bowie e Caetano.

Uma fumacinha cênica.

Uma luz boa.

E zero choro.

Só uma saída digna de quem passou pela vida tropeçando, mas dançando de sapatos vermelhos.

E quando eu for — se é que vão perceber que fui — deixem um bilhete no meu lugar. Escrevam algo que me represente, tipo:

“Ela tentou. Com preguiça, mas tentou.”

E no fim, deixou esse corpo como quem se livra de uma calça jeans apertada depois de um jantar.”

A morte me acompanha, sim.

Mas já entendi que ela não é inimiga.

Ela é só a síndica do tempo.

Ela aparece pra lembrar que o aluguel da vida tá vencendo.

E o que eu faço com esse aviso?

Às vezes ignoro.

Às vezes sento no chão do banheiro e choro. Às vezes escrevo, que é meu jeito de existir além da existência.

Se a morte bater na minha porta, tomara que eu esteja ouvindo música alta.

Tomara que eu esteja de batom vermelho e dente borrado, só pra irritar.

Tomara que me encontre rindo de uma piada idiota ou escrevendo um texto que ninguém vai publicar.

Mas, acima de tudo, tomara que me leve sem selfie, sem drama, sem legenda.

Porque morrer, todo mundo morre.

Mas ser cafona depois de morta, aí já é demais.

A Ver Maria

Gean Carlos Lima Conceição

A primeira vez que vi Maria foi em frente ao meu trabalho.

Eu estava naquele intervalo em que a mente ainda se agita com os pensamentos da manhã, tentando encontrar algum sentido no movimento apressado da cidade. O dia parecia comum, desses em que tudo segue no automático — até que ela surgiu. Estava parada na calçada, conversando com alguém dentro de um carro, como quem não pretende nada, mas sua presença trouxe uma estranha sensação de familiaridade, como se eu a conhecesse de algum lugar que não consigo lembrar. Foi um instante breve, mas carregado de algo que eu não sabia nomear, quase como se tivesse sido preparado muito antes de acontecer.

Quando nossos olhares se cruzaram, houve um momento em que o tempo pareceu se alongar, como se a cidade tivesse prendido a respiração. Nos cumprimentamos com um sorriso tímido e um aceno breve — desses gestos que dizem muito mais do que qualquer palavra poderia expressar. Naquele instante, eu não sabia, mas algo havia se iniciado. Não um começo propriamente dito, desses que se podem marcar no calendário, mas uma linha invisível que, desde então, passou a me ligar a ela. Era como se uma mão silenciosa tivesse guiado nossos passos, sem que nós percebêssemos.

Pouco tempo depois, nosso primeiro encontro de verdade aconteceu em um lugar bem diferente: uma missa.

Eu não costumava ir, mas naquele dia fui levado por um impulso que nem eu soube explicar. A igreja estava silenciosa, exceto pelo murmúrio das preces. Maria estava sentada com sua família, mas, mesmo assim, havia algo em seu olhar que parecia flutuar acima do ambiente, uma serenidade natural que a destacava sem esforço.

Enquanto me aproximava, notei a imagem de uma santa, iluminada por velas, próxima ao altar. Havia algo naquele instante que me trouxe uma sensação de paz, como se eu estivesse exatamente onde deveria estar. Sentei-me discretamente próximo a Maria, meio sem jeito, como quem se aproxima de algo sagrado e, ao mesmo tempo, desconhecido. O clima parecia envolto por uma delicada expectativa, como se até o espaço ao nosso redor percebesse aquela aproximação.

Talvez por isso o padre tenha nos lançado um olhar curioso. Havia em seu semblante uma espécie de suspeita, quase divertida, como se ele acreditasse que nós dois já éramos um casal em segredo, embora ainda não tivéssemos trocado mais do que palavras tímidas.

Conversamos no banco da igreja. Suas palavras tinham um peso leve, dessas que não apenas preenchem o ar, mas também a mente de quem escuta. Ela tinha uma maneira de falar que parecia decifrar não só o que eu dizia, mas também o que eu não conseguia expressar. Havia nela uma delicadeza firme, como se compreendesse a alma humana em camadas que poucos ousam explorar.

Eu, por outro lado, estava acostumado a lidar com o que é visível, com imagens que revelam o que está escondido no corpo: ossos, órgãos, pequenos segredos captados por raios e luzes frias. Meu trabalho sempre foi encontrar respostas através de exames detalhados, de silêncios que só a máquina consegue traduzir. Enquanto Maria mergulhava nas profundezas invisíveis da mente e do espírito, eu caminhava entre sombras projetadas em películas e telas. Talvez por isso nossas conversas tivessem algo de mágico: era como se, juntos, equilibrássemos duas formas distintas de enxergar o mundo — uma feita de carne, a outra de alma.

Com o tempo, notei que as pessoas ao nosso redor torciam por nós. Havia olhares cúmplices, sorrisos discretos, pequenas perguntas disfarçadas de curiosidade. Parecia que, antes mesmo de nós dois entendermos o que estava acontecendo, os outros já sabiam. Eles viam em nós uma promessa, uma história que merecia ser vivida. Às vezes, eu me perguntava se essa torcida era uma bênção ou uma pressão silenciosa. Maria sorria sempre que alguém insinuava algo, mas havia no seu olhar um mistério, uma prudência que eu não sabia decifrar.

Maria tinha uma fé tranquila, uma confiança na vida que se manifestava em cada gesto. Eu via nela uma força que me atraía e, ao mesmo tempo, me mantinha à distância. Como se existisse uma fronteira invisível entre nós, um espaço que nem mesmo o tempo poderia atravessar facilmente. Ela nunca me prometeu nada além do presente, e, ainda assim, havia em mim uma esperança teimosa, alimentada por cada palavra, cada silêncio compartilhado.

Hoje, quando penso nela, lembro daquele primeiro instante em frente ao meu trabalho — do sorriso tímido, do cumprimento breve — e do segundo, pouco tempo depois, na igreja, quando finalmente nos falamos, enquanto ela estava sentada com sua família e o padre parecia imaginar algo que ainda não existia. Também me recordo da imagem suave daquela santa próxima ao altar, como se sua presença silenciosa tivesse tecido os fios invisíveis que uniram nossos caminhos.

Lembro ainda das pessoas que acreditaram em nós, como se pudessem ver o que estava além dos nossos olhos.

Maria permanece em mim como uma lembrança viva, uma história que talvez nunca tenha se cumprido totalmente, mas que, ainda assim, me transformou.

E assim sigo, a ver Maria — não apenas com os olhos, mas com tudo aquilo que em mim insiste em acreditar no invisível, naquilo que talvez tenha sido cuidado por mãos que nunca veremos, mas sempre sentiremos.

Aldeia dos amigos

Luiz Afonso Dias Costa

Pronuncie o nome de um lugar de singular beleza à beira-mar, modelado em estilo largadão e com uma estética chegada à década de setenta, meio Caribe, meio subúrbio costeiro, meio Jamaica, meio brechó e totalmente baiano: estamos falando de um híbrido de boteco e hospedaria pé na-areia na prosaica Coroa, na ilha de Itaparica, embrechado em meio a enseadas e praias protegidas por um anel de recifes que se estende por uns sete quilômetros, da ponta da Penha às ruínas do Club Med, em Barra Grande.

Visto de frente, o Villas Bar leva um jeitão cenográfico, como um lego armado com peças díspares que de algum jeito se encaixaram, entre o tribal e o Mad Max, mesclando uma arquitetura *neohippie* (se isso existe, está lá!) com a rusticidade funcional do que é feito à mão: na varanda-mirante, no salão, na linha do balcão, nas escadarias e corredores multiplicam-se trastes de pescador, atabaques, cadeiras de altos espadares de candomblés, quadros e adereços que misturam uma iconografia cheguevarista com a maluquice-beleza de Raul Seixas e a loucura brejeira dos Novos Baianos. Rola muito barro, madeira e palha em trançados e armações pra lá de glamurosos.

Estamos, sim, em um *point* de arrivistas, quadradões assumidos, pescadores, veranistas, bolsistas do governo, passantes, gente que leva com nobreza a arte do nada-fazer. O ambiente rústico e original, com toques retrô, deixa todo mundo à vontade. O cardápio oferece o que os pescadores trazem, à vista do freguês, tudo apanhado na hora e feito à moda da ilha, simples, refinado e sem frescuras: peixes e mariscos de variadas nobrezas como o robalo, o vermelho e a sororoca, caranguejo, siri catado, lagosta, aratu, polvo, lambreta...

Em fins de semana, nas disputadas mesas na praia ou sobre o deck de tábuas, rola contato direto com as figuras pitorescas que desfilam para um lado e para o outro. As ondas quebram em frente, embalando os barcos ou, dependendo da maré e da lua, desnudam um praião de dezenas de metros até a linha do mar, entre poças e formações de pedras. Do outro lado da baía o perfil de Salvador impressiona, sem perigo de contaminação.

A história do Villas vale um filme: na década de 80, Ismael Paraizo (depois renomeado Gonzaguinha) saiu da sua Maragogipe natal e, por 13 anos, labutou como bancário em Salvador. Nesse entretanto, conheceu e se encantou pela vila de Coroa, originalmente reduto de pescadores e depois *point* residencial do povão, veranistas e deslumbrados praianos. Lá ele chegou e voltou sempre, renovando, a cada visita, o sonho de

morar naquele paraíso, até que um dia, em meados dos anos 90, tornou-se realidade.

Para tanto, comprou um terreno em frente ao mar e nele ergueu uma barraca de palha e tora de coqueiro, que batizou de Aldeia dos Amigos. Não havia porta nem janela para os fregueses e, quando a lua puxava a maré para o alto, as águas entravam e saíam livremente. Quando chovia, molhava tudo. O estabelecimento vendia cerveja e cachaça de folha de todo tipo, algumas tradicionais, outras de livre invenção. Para comer, podia-se encontrar de lagosta a petitinga, entre sortidos frutos do mar e do mangue, a depender do dia e da veneta de pescadores e catadores que entregavam (até hoje, continuam a fazê-lo) os produtos frescos na porta, cheirando a maresia e se mexendo nos cofos. O esquema de funcionamento era avançado, tipo 24 horas – não fechava, nem tinha como. Gonzaga fazia doublé de dono e cliente em tempo integral: bebia para dormir, acordava para beber, e muita gente ali fazia como ele.

A clientela era especial, “todo mundo adorava ficar aqui!”, garante Gonzaga, com um sorriso largo. Entre suas histórias, contou a do pedreiro que certo dia apareceu por lá, logo se tornou amigo e foi ficando na palhoça. Na verdade, ele dava um tempo da mulher, em Barra do Gil, dona de uma birosca conhecida como Incha Pé. Ele recebeu um dinheiro e lá botou uma grade de cachaça 51, aquela apreciada pelo presidente. Doze garrafas. Quando chegou o final de semana, voltou lá e alegrou-se ao encontrar as garrafas vazias, todas elas, e o estabelecimento fechado. Feliz, resolveu dobrar. Quando foi ver as contas, percebeu que uma só pessoa, sua mulher, havia bebido tudo...

No ápice dessa história (em meio a tantas de que Gonzaga é pródigo), gongou o sino no balcão da cozinha e ele saiu para pegar um vermelho frito para os fregueses. Aproveitei a brecha de tempo para rememorar, com a companheira, os anos de ouro da Coroa primitiva, que descobrimos ainda universitários, bem antes de Ismael Gonzaguinha aportar por aqui: certo verão, em plena ferveção dos anos setenta, alugamos a cabana do pescador Tuné, em frente ao mar. Um achado, uma loucura, um arraso de lugar, um shangrilá. Coroa era aldeia de pescador e gente simples, apartada do circuito dos veranistas classe-média dos loteamentos que pipocaram na ilha desde o início do ferry-boat. A uns dez quilômetros na direção sul, perto da ponta da Ilha, já havia muitos hippies em suas barracas ou palhoças construídas em volta da cabana do guru My Friend, na mística Berlinque, perto de Cacha Pregos.

Fim de semana era assim: desembarcávamos do ferry-boat e por vezes varávamos quilômetros paletando de Bom Despacho até Coroa, descalços para massagear os pés, passando por Gameleira, Duro, Mar Grande, Penha, Barra do Gil e Taipoca, uma esticada e

tanto, abraçando garrações de três litros dos renomados vinhos Sangue de Boi (afrancesávamos como “sangue de buá”) e Frei Vinicius. O casebre de Tuné, com piso de terra batida e parede caiada sobre o barro e madeira trançada, resumia-se a uma sala apertada e dois quartos minúsculos, com mobília mínima e geladeira nem pensar, embora o teto de telhas fosse um avanço. Dormíamos sobre esteiras de palha compradas na feira e cozinávamos num puxadinho no fundo, com fogão a lenha e panelas de barro. As necessidades eram despachadas em ponto ermo no coqueiral nos fundões, batizado de “cocal”.

Em época de lua cheia, atravessar para a ilha era de lei e, quando acabava o vinho, encarávamos a praia até Barra do Gil ou no lado oposto, Conceição, à procura de bar aberto, para comprar cachaça crua. Eram famosas na época as “branquinhas” fabricadas em Nazaré das Farinhas, apreciávamos os rótulos cabalísticos da Cigana Boa e Ciganinha, da mesma fabricação, uma mais apurada, com uns meses de descanso em barris de umburana, e a outra barata, ambas rascantes. Chegamos a tirar da cama o bodegueiro Euclides, que chegava com o chapelão de palha, cúmplice loquaz de dionisiacos serões no seu balcão, e não poucas vezes voltamos para pegar mais. E no caminho desviávamos das ondas que estreitavam a praia e avançavam sobre os pés na maré cheia, contávamos riscos de meteoros, almejávamos a aparição de algum disco-voador errante, admirávamos o extenso dragão luminoso de Salvador, do outro lado da baía...

A reminiscência foi interrompida pela volta de Gonzaga, que se demorara papeando com os clientes abancados nos guarda-sóis armados na areia. Animado, ele nos traz de volta para o verão de 2016 e retoma o pé de conversa sobre a gênese e evolução da sua palhoça para bar-village: com três quartos para alugar no térreo, o bar e restaurante na frente do mar, a morada dele próprio no primeiro piso e, coisa recente, as suítes-mirantes no terceiro patamar, aonde se chega subindo uma escada rústica, montada com tábuas assimétricas de eucalipto, estrutura de louco genial... Lá em cima, dá para ver da cama os barcos balançando e o dia nascer e morrer sobre as águas da baía, o perfil de Salvador à frente, a Barra e a região central da cidade desenhadas em linha no skyline.

Gonzaga, que largou a bebida para sobreviver, entorna um gole de café e manda ver, com fôlego renovado:

– Olha, eu tinha aqui na Aldeia setenta mesas, trabalhava dia e noite com os pés na areia, vinham aqui o grupo É o Tchan, na época eles estavam começando, Édson Gomes, Missinho recém-saído do Chicletes... Ivete Sangalo apareceu uma vez com Lula Carvalho, redator da TV Educadora, e um dia a TV Bahia veio com suas câmeras cobrir já nem lembro

o quê... Consegui trazer para cá o primeiro Fale-Fácil da região, numa época dinossáurica da telefonia... então começou a pintar no pedaço gente que pedia uísque e consultava por telefone o saldo bancário, e olhe que não havia chegado ainda água encanada, a gente ia tomar banho na cisterna levando sabonete, toalha e um litro de Velho Barreiro...”

A maré encheu e invadiu-nos a impressão de estar aboletados no deck de um transatlântico encalhado nas areias acolhedoras da ilha, em contato direto com as ondas que, nas luas grandes, lambem por baixo a estrutura suspensa por toras de madeira. Pedimos para Gonzaga pegar mais uma cerveja. Veio tipo nevada, e ele engatou mais histórias.

– Pois bem, com essas setenta mesas, todo mundo cobrava minha presença, fazia parte do roteiro eu encostar pra beber com a moçada e tomava ao menos um copo em cada mesa, é impossível fazer a conta, mas devo ter entornado, num domingo qualquer, a casa lotada, mais de cinquenta copos de cerveja, pra lá disso... já tarde da noite, no balcão, insistiam em mais uma na hora de pagar e eu perdia a conta das saideiras... era assim que a coisa era, de domingo a domingo, eu trabalhava de sunga e camiseta, o cabelo só via água doce quando chovia...

Uma mulher na mesa ao lado, frequentadora desde os anos loucos, entra na conversa e relata que na Aldeia dos Amigos tinha sempre um som maneiro, vinha cliente até do Mediterrané, “a gente vinha pra cá beber e comer o que tivesse e o que o dinheiro desse – às vezes trazíamos garrações de vinho barato, às vezes dava para pedir uns uisquinhos Old Eight, às vezes encalhávamos nas batidas de limão ou até na cachaça purinha e de folha, dose após dose. Logo aparecia um violão, era comum passarmos o dia e a noite numa só levada, isso aqui era animação em estado puro, em frente ao mar, em meio aos coqueiros e embaixo das estrelas. Sim, aqui era o lugar”.

Saturado da fase anárquica, Gonzaga deu um tempo da ilha, voltou para Salvador e montou um bar na Lapinha, com palco e música, e lá ficou por 12 anos. Mas o chamado de Coroa foi mais forte e ele voltou de vez, remontou a Aldeia dos Amigos em novas bases e com estrutura inicial de madeira, passo a passo. As mudanças incluíram a conversão do nome de batismo Ismael para Gonzaguinha, por obra e graça de uma amiga de birinaite. Pegou, todos o chamam assim.

Enfim, o Villas Bar e as vibrações de Coroa não têm comparativos com nada conhecido na ilha ou fora dela. Ninho perfeito para enamorados, contemplativos, transgressivos, bebuns, abstêmios, espiritualistas e artistas em processo de criação: a inspiração não precisa estar no cardápio, vem de graça pelas janelas, na rede da varanda, no visual que torna espetaculosos os movimentos triviais da natureza como o nascer e o pôr do

sol, uma nuvem de chuva que se aproxima pela baía, os vultos dos grandes navios esperando vaga no porto, as luzes se acendendo na velha Salvador.

Mas está na hora de pegarmos o ferry de volta para a cidade grande e é melhor fazê-lo na contracorrente de gente e veículos. O vozeirão de Tím Maia clama "Me dê motivo" em meio à seleção musical apurada que Gonzaguinha preserva com zelo – e em volume apropriado à livre conversação que rola solta nas mesas. Ora, motivos por aqui não faltam para desfrutar dias compridos entre mergulhos nas águas mornas, longas caminhadas na areia, degustação de frutos do mar “pulando no cesto”, cervejas e oskas a rodo e um visual de tirar o fôlego, com o mar a uns poucos passos de distância e o perfil de Salvador distante o bastante, próxima o suficiente...

Amores perfeitos

Ricardo Ramos Filho

Um beijo de língua. Agarradas, corpos colados, encostadas em pé próximas à porta do vagão, as meninas entregavam-se apaixonadas às carícias. Lindas. Jovenzinhas, ambas com cabelos compridos, deixavam as mãos passearem livres. Uma delas, mais tímida, enfiava os dedos por baixo da camisa da namorada. A vontade evidente era de subir e tocar os seios ali tão próximos, pontudos a ponto de forçar o tecido para fora. Titubeava. Avançava, recuava, não se decidia, talvez por medo de perder o controle já tão tênue. Ou, quem sabe, ressabiada com o olhar da senhora ali próxima, banco dos idosos, cheia de caras e bocas. A outra garota, olhos vidrados, encarava a parceira como se tivesse vontade de mergulhar dentro dela. O movimento do carro correndo nos trilhos permitia que se roçassem sensualmente, equilíbrio bambo de desejos, balanço conveniente. Em determinado momento a de cabelos cacheados começou a alisar os da mais introvertida. Os carinhos se estenderam um pouco mais para baixo, seguraram o rosto afogueado, e outro beijo um pouco mais prolongado aqueceu meu coração. Tanta ternura assim era bonita de se ver. Quando a marcha diminuiu e o carro parou na próxima estação elas se afastaram, trocaram um sorriso de intimidade, aguardaram passageiros descerem, outros entrarem. Pareciam preferir ficar de sobreaviso, atentas, naquele momento de maior fragilidade. Alguém poderia passar por elas e importuná-las.

Instintivamente comecei a ficar de sobreaviso também, disposto a ajudá-las caso precisassem. O amor às vezes se descuida, a cidade esconde pessoas nem sempre capazes de aceitar o diverso. Um pouco à minha esquerda reparei em dois rapazes com um tipo de postura um pouco mais descontraída. Riam, cochichavam, poderiam estar julgando o comportamento ali presente. Mostravam-se um tanto debochados. Medi tamanhos, imaginei os dois em pé, considerei que facilmente daria conta deles. Fiquei um pouco mais tranquilo. Às vezes sou assim, assumo internamente posturas de super-herói justiceiro, imagino-me um ás de lutas marciais. Como nunca precisei ir às vias de fato, a fantasia permanece. Contudo, funciono meio como um cão-guia. Fico por ali tenso, atento, reparando em tudo, pronto para ajudar o pretenso deficiente visual merecedor dos meus cuidados.

O trem partiu, as meninas relaxaram, voltaram a se pegar. Fascinado reparei na dança de toques. Felizmente a figura delas se refletia no vidro à minha frente, podia olhar livremente sem incomodá-las. Uma alisava o corpo todo da outra. Havia um carinho lascivo, trêmulo,

delicado, como se para elas fosse muito difícil aguardar o momento de estarem sozinhas em ambiente mais favorável. Às vezes interrompiam o ritual sensorial e permaneciam um tempo apenas se encarando. Somente um par de olhos ficava disponível desde o início à minha curiosidade. A outra, de costas, não me oferecia contemplação completa. Não consigo definir o que havia naquele olhar que me era exibido. Fome, desejo, paixão, mas ao mesmo tempo emoção tão grande capaz de tornar os olhos úmidos. A mocinha parecia que a qualquer momento desandaria a chorar, as retinas mergulhadas em líquido febril, marejadas, todo o corporal denunciava um estado de emoção exacerbado, vívido, eu quase podia sentir seu coração batendo acelerado.

A bruxa próxima delas deu um muxoxo alto e meneou a cabeça para um lado e outro reprovando a desinibição do casal. Pigarrei alto e a anciã, por sorte, avistou-me buscando cumplicidade. Devolvi-lhe um ódio tão grande na expressão, tamanha raiva, que a senhorinha se encolheu, disfarçou, aquietou-se.

A que estava de frente para mim invadiu o espaço entre o cinto e a cintura da namorada. Desceu até o punho, alcançou as partes íntimas da companheira. A ousadia provocou um gemido tão alto da outra que, assustada, rapidamente ela desistiu da invasão, fez um delicado gesto de cheirar os dedos, como se neles estivessem o melhor perfume do mundo. As duas riram alto e eu me peguei rindo também.

Na próxima estação, a da Consolação, desceram e seguiram de mãos dadas, mochilas nas costas, desejei-lhes intimamente a melhor noite do mundo.

A velha continuou balançando a cabeça, talvez fosse algum tique nervoso, os rapazes permaneceram rindo, estavam mesmo se divertindo, e eu, despindo a fantasia de super-homem, percebi, surpreso e um tanto incomodado, que fui o único a reparar naquele namoro.

As cartas que não enviei

Carlos Schlesinger

Era tempo de cartas, muitas cartas. De carteiros e de Correios. De envelopes aéreos, onde se lia à direita, embaixo, *par avion*. Chique. Quando o correio era internacional, os envelopes tinham as bordas em cores nacionais. Os do Brasil, evidentemente, em verde e amarelo. Os americanos, em azul e vermelho, com uma etiqueta adesiva na frente identificando o remetente. E assim era.

Seladas, seu destino tornava-se irreversível. Eram obras de arte, os selos, e receber uma carta, para os mais jovens, era quase lhe desconhecer os conteúdos e fixar-se no selo. Colecionados meticulosamente por muitos, viraram uma ciência, uma arte, e, de acordo com sua raridade, os valores estratosféricos os transformaram em mercadoria valiosa, como até hoje.

Escrevia-se em papel fino, de peso leve, quase de seda, cuja transparência dificultava por ocasião as leituras, especialmente quando a carta era escrita à mão, como de hábito, com canetas que vazavam tinta em pontos grossos.

As cartas eram tudo, relatos de viagem, narrativas do cotidiano, notícias de família, boas e más, pedidos, declarações de amores e comunicados de desamores. Sempre a incógnita do envelope que era entregue, conservado na mão, no bolso ou na bolsa, até o momento de abrir, na privacidade do quarto.

Muitas foram escritas, desde a infância, com a letra canhestra, declarando amor à mãe e pai nas datas próprias. Depois outras, mais substanciais, residindo fora da minha cidade de origem e avidamente recebendo as cartas de colegas e amigos com atualizações sobre escola, namoros, professores, performances escolares. Durou pouco. O que os olhos não veem o coração não sente, diz o ditado. E foram rareando, na ida e na volta, até cessar.

Outras se sucederiam na vida adulta, de família, amigos, até o advento dos correios eletrônicos. Das comerciais nem quero falar.

Quero falar das que não postei. Nem escrevi.

Não te escrevi sobre minhas perdas, não te escrevi sobre minhas lágrimas. Não te escrevi sobre minha decepção, nem sobre o abandono. Não te escrevi sobre meu desamor, nem sobre o desamor que de ti recebi. Não te pedi perdão, nem de ti recebi, até porque não pedira.

Nem escrevi sobre a imensa felicidade, a *bliss* da qual falava Katherine Mansfield, do dia em que tudo era brilhante e iluminado. Tampouco me sentei para redigir uma justa ode à vida, ao encantamento, à poesia e à beleza.

Não usei o papel para dizer que era grato a ti, ao Cosmos e à música. Tampouco tomei da caneta Bic para desejar paz na terra aos homens de boa vontade.

E hoje me dei conta, tardiamente ou não, de que tenho no peito todas as cartas que não enviei. Vou pesá-las, colar todos os selos ainda existentes, e enviá-las, como estou fazendo agora. Nem precisa responder.

Cansei

Leonardo Sevybricker

Essa é uma das combinações de seis letras mais usadas de um tempo pra cá. É como se todo mundo vivesse no limite da borda, tendo que escolher entre afogar ou transbordar.

Gente largando o emprego, o marido, a família, amigos como quem larga uma pedra imensa depois de rolá-la a vida inteira até o alto da montanha. Como o mito de Sísifo, o alívio é temporário, pois a pedra desce rolando e você tem que começar tudo de novo.

Mas começar de novo, por si só, já parece um alento para quem anda desesperado. Uma maneira de alimentar a ilusão de que há algo bom por trás dessa encrenca em que você se meteu.

Uma pesquisa feita após a pandemia - "Impacts of Covid-19 Study", do Ibope Inteligência, - indicou que uma das tendências desses tempos é o que chamam de "Reboot: um momento para reiniciar". Com o copo meio vazio e o vidrinho de Sertralina cheio, estamos encarando esses tempos sombrios como uma oportunidade pra repensar a vida. Descobrir novos interesses e recarregar as energias pra rolar a pedra morro acima.

Eugênio trabalhava no mercado financeiro. Viciado em pó, colecionava vinhos caros e trocava de Cherokee todo ano. Jogou tudo pro alto. Agora é instrutor de mindfulness, cheira rapé (que compra do seu vizinho pataxó, lá na Vila Madalena), toma Kombucha e, o Cherokee, trocou por uma bicicleta elétrica, que custa o preço do carro. A grana que acumulou especulando na bolsa sustenta a vida mansa e a consciência, que mantém em dia doando para o Gerando Falcões.

Beatriz, 4 filhos, vivia um casamento infeliz. Mandou os filhos pro intercâmbio na Nova Zelândia, que é pra não correr o risco de ter que visitá-los. Agora o casamento tá jóia. Às terças, fazem aula de tango. Quinta, zumba. E no sábado, vão religiosamente ao Clube de Swing, onde encontram o professor de tango, que faz bico como stripper e de vez em quando come o casal. Domingo, os filhos voltam do intercâmbio e o casamento vai pras cucuias.

A Raquel finalmente terminou com o namorado esquerdomacho. Afogada em mágoas, mergulha em Simone de Beauvoir, no Tinder, e emerge consciente e empoderada. Estimulada pelos amigos, expõe as canalhices do ex no Instagram, ganha solidariedade e muitos seguidores. Influencer, agora dá palestra, tem podcast e foi até no camarote vip da Lady Gaga. Resolvida e celebrada nos círculos progressistas, manda e desmanda. Mas quando

vai pra cama, a mulher dominante gosta de ser dominada. Pede pra ser vendada e amarrada. Goza 4 vezes e não deve nada a ninguém. Veste a roupa, paga a conta e vai embora. Mas de noite, tem sempre o mesmo pesadelo: ela cheia de tesão, levando chicotada e recebendo ordens de um macho com a camisa do Galo. Então, a porta se abre e suas 72 mil seguidoras entram gritando em uníssono: 'Farsa!, farsa!'. Raquel, que sempre ouve Tati Bernardi, ainda tenta argumentar: 'é o inconsciente', 'não vale moralizar o sexo', 'meninas', cadê a sororidade?'. Mas elas só gritam, 'Farsa, farsa!'. Assim como na música do Roberto, todas estão surdas.

Júnior, 30 anos, foi relaxar em um hotel-fazenda com a família. Andava estressado com a mudança de curso: o 4º em dois anos. Se encantou tanto com um pônei, que resolveu virar um. Passou a andar de quatro, comeu os livros escolares e instalou um plug anal, desses que vêm com um rabinho peludo, que roubou da bolsa da tia Lúcia. Em 15 dias, desenvolveu uma tendinite, devidamente tratada pelo veterinário local. Seu avô ralhava com ele: 'cresce, Júnior!'. Mas Júnior é um pônei e um pônei não cresce. Foi visto pastando grama orgânica no condomínio fechado onde mora com os pais. Dizem que agora vive em Londres. Como um quati.

Arlete trabalha na lanchonete. Sai às 5 da matina de Funilândia, região metropolitana de BH. Pega 3 conduções e um mototáxi pra chegar suada às 8 na lanchonete do Jarbas, no centrão nervoso. Lá, aguenta calada o calor, os perdigotos dos bêbados, o cheiro de fritura e as patoladas do patrão, por medo de perder o emprego. Kombucha é o que ela usa no banho pra tirar a craca de gordura ressecada dos cotovelos. E "reboot", um luxo impensável pra quem ganha um salário mínimo e ainda tem que sustentar o marido, que sofre de gota.

Diante da pedra que teima em rolar, mesmo quando a gente ousa mudar a rota e recomençar, muitos se perguntam sobre o sentido da vida. Não a Arlete. Pra ela, o sentido sempre foi um só: morro acima, de segunda a segunda. A Arlete está pra lá de cansada. Quem dera pudesse se dar ao luxo de dizer 'cansei'.

Casas antigas

Jorge Ronghe de Góes

Tenho me relacionado com casas, minhas e alheias, e suas histórias traduzidas em carcomidas estruturas, seus portões cercados de segredos a guardar quintais com profundidades e larguras a perder de vista, eloquentes, nas proporções que lhes dão minhas acalentadas lembranças; casas com sombrios porões e sótãos e seus relatos de eriçar cabelos, suas escadas de madeira que aguilhoavam nossas noites de insônia com seu ranger insólito; vagos pressentimentos dos fantasmas que repousavam em suas frinchas. Em quantas delas não dormiam teias imprevistas, com seu arabesco irisado a atrair moscas incautas? Os insetos eram os habitantes desconhecidos a deitar construções impossíveis nos domínios das casas antigas, inquilinos das profundezas que se instalavam em gretas e rachaduras.

Casas fantasiosas de minha infância e juventude, unidas em remansos da memória no seu evocar suave, a conjurar um cortejo de inefáveis tessituras. Desfaço-me de tanto vê-las e reverenciá-las. Impossível hierarquizá-las. Ocioso demandar preferências de uma sobre as outras, pois se mostram numa metamorfose irrequieta, conforme se alinham ao meu estado de espírito. Ora ardentes do desejo que nutria por uma de suas moradoras, ora envoltas no véu de mistério e morte que prodigalizavam, por seus moradores moribundos. Mas tudo difuso e disperso, cingido no torvelinho que só as recordações remotas proporcionam.

Casas de minha juventude estranha, com paredes limosas e jardins de insuspeitas margaridas, com sua grama alta e desigual, seus carrapichos a agarrar nossas calças aflaneladas, seus ocultos e cismados caracóis; quando tudo convergia para a construção de meus ideais, dos sonhos erigidos em categorias absolutas de bem querer, ainda que os anos vindouros os obliterassem, destinando cada um para o sepulcro das intenções perdidas.

Casas de minha juventude enfermiça, com quintais de cimento áspero e pedregoso a nos esfolar os dedos por brincadeiras imprudentes, com suas rugosidades ardilosas, súbitas inclinações; quanto, voltando hoje a esses locais, não me sinto como quem aprecia a paisagem e o relevo de outro mundo, sem qualquer vestígio, por ínfimo que seja, daquilo que um dia preencheu meu mosaico de anelos? Com raríssimas exceções, preservam-se uns poucos monumentos do que exultou em tempos idos; a maioria das construções, ou não existem, ou se desfiguraram nos arranjos de novas peças de arquitetura sobrepostas à estrutura original, resultando em casarões irreconhecíveis. Outras, deixam-se contemplar no seu espectro de

ruínas silenciosas; as fachadas lodosas e solitárias tocando o coração dos passantes, últimos vestígios de uma antiga altivez, onde o rastro de um vento noturno acaricia os resquícios das pernas nuas do que fora uma mesa; erra entre quartos devastados, sem nada que lhe oponha obstáculo; lambe os restos de louças degradadas, incrustadas de matéria calcária. Mais adiante, o raio de um luar tardio tece franjas de tons prateados e multiplica misteriosos desenhos nas salas e nos quartos desmoronados, nas cerâmicas e azulejos róseos, nas pias e acentos de louça, nos tijolos e argamassa, agora reduzidos a escombros, nos derradeiros suspiros de algo que se extingue e que aquele manto enlutarado transfigura em compartimentos de sombras pálidas.

Casas de minha erna juventude, com seus altos muros inclinados, encimados por cacos de vidro, fruto das preocupações paranoicas de antigos vizinhos; com janelas centenárias e suas venezianas partidas, vibrantes, submissas aos poderosos ventos do inverno; vitrais multicores a preencher os corredores com suas criaturas bizantinas; tons de papeis de parede de um verde desmaiado e seus pálidos intrusos a rastejar em sua superfície rugosa. Em quantos de seus quartos não ecoam ainda o clamor dos amores antigos? Quantas de suas camas não guardam vestígios do colchão vincado pelos excessos das manobras amorosas? E dos rotos lençóis, quantos não guardam ainda o resquício molecular de roçares e de mãos em súplica por carinhos mais ardentes? Foram testemunhas das pulsões e dos arroubos ensandecidos, prisioneiros daquelas rumorosas tempestades do desejo.

Casas de minha juventude expectante, em que, certo dia, um melodioso piano abriu suas pálpebras de pinho envernizado e, numa sala de jantar, alguém ofertou àquela bela moça um conjunto de fugas e sonatas, cheias de anseio e paixão, e que deixaram as maçãs de sua face enrubescidas e seus olhos semicerrados na inquietação de promessas. Em tais eventos as casas antigas eram generosas.

Casas de minha infância pobre e distante, com suas árvores centenárias de frondes volumosas e ramos que se esgalhavam por cima dos altos muros; árvores de frutos maduros e sua umbrosa cabeleira de folhas esmeraldinas; com bichos da seda em manobras evasivas e cigarras sibilantes e seu canto suicida, explodindo no paroxismo da exaustão. Da recordação viva de cada uma delas, em cujos altos galhos alcei meu esguio corpo, de tudo isso, fica a reverência do silêncio, desses sussurros de folhas ondeadas por uma aura diurna, do crepitar remansoso das espumas de um córrego, das proclamações zunidas por insetos estonteados, dos voos tresloucados de pássaros embriagados. É desse silêncio, são dessas vozes multifacetadas e onipresentes, que retiro as bênçãos das casas antigas de minha infância pobre e distante, a dormitarem no regaço preguiçoso de minhas lembranças.

Comida de gatos e Machado de Assis

Heloisa Helena Cândido Duarte

A hora do julgamento chegou. Ou talvez não, quem sabe eu poderia pegar biscoitos de polvilho na padaria, ou o papel higiênico estivesse acabando. Não consigo me lembrar, mas é o tipo da coisa que é melhor sobrar do que faltar. Tanto os biscoitos quanto o papel.

Quando vejo que realmente não tenho mais como adiar o julgamento iminente, me conformo e encaro o meu destino. Antes de ter gatos, às vezes me perguntava se os operadores de caixa dos supermercados julgavam os clientes com base naquilo que estavam comprando, mas nunca tive certeza. Essa só chegou depois dos gatos.

O caso é que tenho dois gatos com paladar muito apurado (ou muito mimados) que escolhem a ração úmida da vez e se recusam terminantemente a comer qualquer outra coisa. A eleita da vez é um sachê de frango que só encontro neste supermercado, que, claro, é longe de casa. Assim, cada vez que vou lá, compro sachês suficientes para alimentar os dois mimados comilões por um mês. O problema é que, inevitavelmente, na hora de pagar, sempre vem o interrogatório sobre quantos gatos tenho, se trabalho em uma ONG, se tenho um gatil, etc. Não deveria me incomodar com isso, mas me incomoda. Sempre me sinto julgada, como se estivesse esbanjando dinheiro com meus dois peludos quando tantas pessoas passam necessidades.

Hoje escolhi um rapaz com cara de poucos amigos e fui colocando os sachês misturados aos outros produtos que comprei para disfarçar a quantidade e tentar evitar o julgamento. Ele, vendo que os sachês estavam espalhados, juntou todos para passá-los de uma vez só. Vejo minha estratégia fracassar, me rendo e espero o começo do interrogatório. Mas a vida não gosta que adivinhemos seus caminhos; ela gosta mesmo é do efeito surpresa.

O rapaz me olha, sério, e pergunta:

- Tem Machado de Assis?

Olho para ele sem entender e ele aponta a minha bolsa. Só então percebo que ele não estava realmente olhando para mim, mas para minha bolsa marrom, um pouco desgastada, com lombadas encardidas de livros clássicos na parte da frente.

- Não tem. Quem fez esta bolsa não conhecia os encantos do Machado. Aqui tem outros muito bons, Moby Dick, O jardim encantado, Jane Eyre, mas não tem Machado. Você já leu algum destes?

- Não. Comecei a gostar de ler há pouco tempo, mas gosto muito do Machado de Assis - ele explica um pouco embaraçado.

- E Capitu? Traiu ou não traiu?

O rapaz me olha desconcertado e explico que estou falando de Dom Casmurro. Ele diz que ainda não leu esse, mas pega um cupom fiscal abandonado e pede que eu repita o nome do livro para ele anotar e ler depois. No momento ele estava lendo Quincas Borba. Conversamos um pouco mais sobre livros e vou embora com a alma leve. Não esperava ter uma conversa literária no caixa do supermercado às oito da noite de uma quarta-feira sem sal.

Dois meses depois, no mesmo supermercado e usando a mesma bolsa, vou à padaria pegar biscoitos de polvilho antes de encarar o caixa, como sempre. Ao meu lado, um rapaz está organizando pacotes de pão.

- Capitu não traiu. Mas bem que ele merecia.

Me viro para ver quem estava falando, mas ele já terminou de arrumar os pães e está indo em direção ao balcão. Ele sorri para mim, acena timidamente, e some atrás da bancada.

Vou para o caixa com um sorriso no rosto e a certeza de que vou voltar. Mesmo que os gatos escolham outra comida.

Conto de memória

Fábio Amaral

Conto até dez. Dizem que pode evitar uma explosão. Um, tartaruga; dois, Mississipi; três, Pindamonhangaba; quatro, Guará (tinguetá ficaria muito longo, depois de Pinda); cinco, e assim por diante. Realmente, nem sei mais por que estava a ponto de estourar. Exocet, calcinha, um míssil dispara da memória, não lembro o nome do artista, aquele da cara esburacada como a lua, acne na adolescência, deve fazer parte da formação do talento, será que dou um google? Ou um chat gpt? Não, nem a pau, questão de desonra. Um, tartaruga; dois, Mississipi, três, Paraibuna (essa deu certo). As cidades mortas do Monteiro Lobato. Aquele quase gênio racista, que acabou, ele próprio, virando uma cidade morta, a caminho de ... Gonçalves? Não. Não vale dar google, nem gpt. Aha, lembrei... (lembrei nada, mas tá na ponta da língua)... São Francisco Xavier. Vá lá... uma cidadezinha mortinha no alto da montanha... Bom: raiva, memórias perdidas, ainda não lembrei o artista, outro quase gênio, que tinha o poder de por mulheres lindas rebolando no palco. Nossa, isso me pareceu muito errado agora. Fernanda Abreu, me salve. Diga que tudo bem. Que é o apoderamento. Mas isso aqui não é conto nem aqui nem na China. É um paupérrimo fluxo da consciência alcoolizada de cerveja. Ouvindo Little Barrie. Infelizmente sou obrigado a confessar que eu gosto mesmo é de ouvir música americana/inglesa. Não que eu não goste de bossa nova (ouça-se João Gilberto), Caetano Veloso, Gilberto Gil, Jorge Bem, Jorge Benjor, Novos Baianos, Moraes Moreira, Pepeu, Tim Maia, Raul, toca Raul, Secos e Molhados, Mutantes, Gal Costa, Marisa Monte, Arnaldo Antunes, Titãs, Ira, Barão, Cazusa, e outros tantos, tantos óbvios. Mas, no dia a dia, ouço música americana/inglesa. Parece que não consigo distinguir, mas a música inglesa que eu ouço é a que imita a música americana. Mas como eles falam inglês, fica mais fácil. O inglês imita o preto do Mississipi (tá aqui o Mississipi outra vez) e tá tudo certo. Não é apropriação cultural. O caralho, claro que é! Vai falar isso pro Mick Jagger, para o Eric Clapton, e mais um monte de gente que encheu os pretos do Mississipi de dinheiro. Do Mississipi até Chicago, né, Raul. E Chicago não aguenta. O fato é que sinto alguma culpa por não curtir uma roda de samba, se eu não estiver solteiro e completamente bêbado. Assim como no carnaval. Carnaval, precisa estar mais solteiro ainda, e muito mais bêbado. Bom, esse é o projeto, certo? Aprovado pela Lei Rouanet (esse nome é chiquéssimo, né? Quem é o Rouanet? Alguém sabe?). Putz, nem posso dar um google pra ver se é Ruanet ou Rouanet. Nossa: o Rouanet passou no corretor. Socorro. Não consigo ficar invisível.

Papel e caneta. Nem sei mais escrever à mão. Desde a minha doença neurológica (adoro falar dela) a minha letra ficou péssima. Exocet, calcinha... Vou mijar. Tenho quase certeza que a inspiração urinária me trará o nome do artista. Nem precisa, ainda apertado, lembrei. Fausto Fawcet. Agora posso mijar tranquilo. Uma pausa de mil compassos, como diria o Paulinho da Viola, e já volto. Talvez pegue mais uma cerveja também. A mijada não teve aquela pressão toda. Próstata “levemente” inchada, apesar da tadalafila cinco miligramas recomendada pela médica gostosa do youtube. A insustentável leveza da próstata. Mas que é uma delícia estar sempre pronto, é. Um pequeno superpower, e ainda dizem as línguas fracas que sou idoso. O caralho. Sou rico, bonito e jovem. Burro e inteligente. Bu- kóvsky – rro, com uma vida de cachorro pela frente, e uma vida de papagaio pelas costas (essa é emprestada do sr. Silva, o gênio do botecovsky. Pois é, sendo a vida toda um homem do copo cheio, que não gosta de ver copos vazios, empurrador de vinho, cerveja e rabo-de-galo, não consigo deixar de achar o cerumano o melhor dos animais, e sintetizo assim: cheio, com o meu copo, de arte, amor e compaixão. E toca Raul. Vou pagar uma inscrição pra alguém ler isso. Desculpe, senhor juiz. Pare agora.

De AIDS eu não morro!

Emerson Macedo da Silva

Deu positivo! Eu sei disso antes que o doutor diga. Eu sei pelo modo como entrou na sala, de cabeça baixa, olhando para os papéis, tentando parecer ocupado enquanto pensa na melhor forma de me dar a pior notícia da minha vida. Pelo visto eu não fui um bom garoto esse ano. Ele acha que sabe disfarçar, mas não sabe. Por que um médico enrolaria tanto para dar o resultado negativo? Não é como das outras vezes. Algo não é como antes. Mas ele não diz. Fica me tratando que nem criança, puxando assuntos aleatórios pra me distrair. Eu só consigo pensar “FODEU!”. Ele fala, fala e eu já não escuto nada. Eu me sinto sozinho, sentado em uma cadeira em algum lugar branco e vazio. Olho para os lados e não vejo nada aqui, não tem começo e nem fim, só o branco vazio. Ao longe escuto uma voz grossa de cigarro, rouca e masculina. Vou voltando aos poucos. É a voz do doutor. Ainda estou no consultório. Eu não ouvi o que ele dizia, mas estava rindo, deve ter feito alguma piada. Assim fora de contexto não entendo, mas era alguma coisa sobre a sua idade. Seu cabelo é branco e seus olhos são azuis, mas isso você já imaginava. Ele continua falando sobre qualquer coisa, menos sobre o resultado. Neste momento estou pensando quais são as palavras certas para pedir que ele cale a boca e siga o protocolo. Eu não cheguei a falar, mas acredito que ele percebeu. Agora faz as mesmas perguntas de ontem sobre meu comportamento sexual, procurando alguma discordância, uma confissão. Agora me sinto em sala escura, interrogado. Por acaso eu sou algum criminoso? Pergunta novamente se costumo usar preservativos e novamente respondo que sim. Ele levanta as sobrancelhas e acusa "Você pensou!". O quê? Claro que eu pensei. Seria estranho não pensar. Mas é assim que é. Eu ando com preservativos nos bolsos desde os 13 anos de idade e só transei aos 15, mas ninguém vai acreditar nisso. É assim que as coisas são agora! Espera, acho que enfim ele vai falar. Confirmado: "O seu teste de HIV deu positivo!". Eu não sei o que falar. Eu não sei o que pensar. Eu não sei o que fazer. Eu só fico aqui na frente dele, como se o tempo tivesse parado. Eu não consigo ficar triste. Eu não consigo ficar com raiva. Eu não consigo chorar. Não consigo sentir nada. Neste instante percebo que ele não gosta tanto de sua profissão, não dessa parte, nem sabe como se desculpar. Ele preferiria ter me xingado. Pelo silêncio, deve ser a minha vez de falar alguma coisa, então eu digo "Positivo?". Ele balança a cabeça afirmativamente. Busco ser prático e pergunto logo o que vou ter que tomar, qual o remédio. Ele me julga com o olhar. Depois diz “Vocês acham tudo normal, né?”. O que ele quis dizer

com isso? “Vocês” quem? Estou sozinho, mas na cabeça dele eu sou um número. Não sei se ele tá me vendo como uma raça, uma sexualidade, uma faixa etária, ou sei lá o quê. Só sei que já não me vê como um indivíduo. Agora eu sou só mais um que foi pego pela Sida, a Síndrome da Imunodeficiência Humana Adquirida. Quem diria que aos 24 anos eu me tornaria estatística? Eu sequer lembro seu nome, mas ele lembra o meu. Está escrito na ficha. Na ficha também está escrito: homem, cisgênero, negro, pansexual, artista. Do nada ele começa a me incentivar. Percebo quando olha meu bíceps, me conta que tem um paciente há mais de 10 anos, que é maromba e bem maior do que eu. Quase peço pra me apresentar, mas ele arregalaria os olhos. A esta altura o doutor elogia meu porte físico, quer saber sobre o meu treino e a minha nutrição. Pergunta se tomo suplementos alimentares. Digo que não, mas já tomei. Pergunta se eu acho que funcionava. Digo que não sei, pois tomei por pouco tempo. Pergunta se eu consultei um médico. Digo que não.

— Você me recomendaria algum suplemento, doutor Emer? - ele me provoca.

— Acho melhor o senhor consultar o seu médico - respondo, sem deixar barato.

Ambos rimos. Ele me entrega um papel, o encaminhamento para outra unidade de saúde onde farei o tratamento na Freguesia do Ó, um bairro vizinho. Eu já morei lá, assim como já morei em Taipas e hoje moro em Perus. Sou cria da Zona Norte, às vezes Oeste. Morei em muitos lugares. Estudei em 07 escolas. Morei em mais de 20 casas. Fui despejado muitas vezes. Achei que essa hora nunca chegaria, mas o doutor me libera. Ao lado da recepção o segurança me observa sair da sala e caminhar em direção à saída. Quando o encaro, ele disfarça. Será que ele sabe? E a recepcionista, ela também sabe? Será que alguém aqui não sabe? Ando rápido, desço as escadas correndo, paro diante da porta, não consigo sair. Ainda nem saí na rua e já tô me preparando pra brigar com o mundo. Quero segurar minha mão e nunca mais soltar, me guardar em algum lugar seguro e não contar a ninguém, me abraçar e me encher de beijos e cafunés até que o mundo acabe. Contudo, ainda preciso sair. Continuo aqui, parado, sem ao menos conseguir puxar a porra da maçaneta. Respiro fundo, envio mensagem para uma amiga, invento coragem e saio. Do lado de fora tudo parece igual. Do lado de dentro, tudo mudou. Uma versão de mim morreu naquela sala. Tive que deixar um corpo pra trás. Era pesado demais para que eu pudesse carregá-lo. Chega de carregar o mundo nas costas! Estava atravessando a faixa de pedestre em direção à estação de trem no momento em que Alice me ligou, a amiga pra quem mandei mensagem antes.

— Oi, miga – atendo, normalmente.

— Ah, então é mentira, né! Eu sabia, sua falsa – brinca, aliviada.

— Não, amiga, é verdade – afirmo.

Silêncio. Ela não diz mais nada por um pequeno tempo que se dilata e vai ficando cada vez maior. Alice não sabe o que dizer. Eu também não. Mas alguém precisa dizer algo, então eu digo:

— Amiga, eu vou me tratar e vai ficar tudo bem - nos tranquilizo.

Não tem muito o que fazer. E ela nem precisa fazer muita coisa. Ela só precisa ser minha amiga. Outra hora a gente se fala, desligo. Tenho muita coisa pra pensar. Eu tô desempregado, a vida no teatro não tá rendendo nada. O aluguel tá atrasado. Amanhã vou voltar pro farol, voltar a vender água. Preciso levantar grana pra ir nas próximas consultas. Hoje só tenho o dinheiro da volta. Eu nunca quis tanto voltar pra casa! É tão esquisito que tudo seja como antes e eu não. O Sol do fim da tarde continua o mesmo. Os cachorros abandonados continuam nas ruas. As ruas continuam com trânsito. Os trânsitos continuam cheios de veículos. Os veículos continuam lotados de trabalhadores. Os trabalhadores continuam sustentando os políticos. Os políticos continuam roubando dentro de lindos edifícios. Edifícios altos de onde suicidas arranham os céus mirando o chão com suas cabeças. Imagina, se o Sol parasse pra pensar nisso, não brilhava. Será que ele pensa? Pensa, nos dias em que não brilha, ele pensa. E até mesmo nesses dias, ainda que sem Sol, tudo continua. Já reparou? Quanta gente não recebeu a pior notícia do ano hoje e agora tá todo mundo aqui no mesmo vagão? Deve ter gente até que recebeu notícia boa. E gente que não recebeu notícia nenhuma. Chego em casa, abraço minha mãe e minhas sobrinhas na cozinha, atravesso a sala feito um vulto e chego no meu quarto. As coisas aqui em casa estão complicadas: minha mãe acaba de descobrir um glaucoma, o pai das filhas da minha irmã sumiu e, estamos todos desempregados. Não é hora de contar. Já estamos cheios de problemas, ninguém precisa de mais um. Deixa esse comigo que eu resolvo. Deito, fico olhando para o teto. Às vezes eu fico me perguntando com quem foi, quando foi que contrai o vírus. Faz diferença saber quem foi? E se soubesse, o que eu faria? Batería na porta da casa dele? Faria barraco na empresa? Quebraria sua moto? Arrebentaria a cara dele? Prefiro nem saber, mas os outros vão querer, vão me perguntar. Quem são os outros? Os outros são plateia. Eles sequer têm nome, nem rosto, somente olhos. Olhos e boca! Vou deixar que vejam, deixar que falem. Agora estão vendo o meu pior, mas um dia eu os pegarei de surpresa e terão que assistir ao meu melhor também. Plateia serve pra isso. Quem tem público, tem palco. Eu sou ator, gosto de palco, principalmente se for arena que aí podem me assistir de todos os ângulos. No meio do público estão os críticos. Eles vão procurar defeitos. E quem procura, acha! A partir de agora vão dizer que o meu defeito é a AIDS. Tenho certeza que vão dizer “Que lindo, pena que tem AIDS!”. Vão inventar que eu carimbei fulano, que eu

dei pra favela toda, ou que eu tô fingindo ter HIV pra conseguir doações. Vão inventar tudo quanto é história, todo tipo de fofoca. O título da manchete não faz mal, desde que eu seja a capa. Depois dou outra entrevista desmentindo tudo e viro manchete de novo. Logo, logo, sai uma autobiografia, então vou poder escolher palavra por palavra. Quero ter controle total sobre a minha narrativa! E quer saber? Talvez eu mesmo invente algumas coisas. Não é mentira, é licença poética. É tudo culpa do meu eu-lírico. Não é isso que dizem os artistas? Apesar de tudo, eu me sinto bem. É muita maluquice minha? Eu sei que agora esse parece o pior momento da minha vida, mas eu já senti isso antes. Tiveram outras vezes em que eu estive no pior momento da minha vida e passei por todos eles. Eu estou aqui, não estou? Hoje eu recebi a pior notícia do ano e ainda estou aqui. Eu não vou morrer. Não hoje, não agora. Pode ser que eu morra no sábado, atingido por um raio. Pode ser que eu morra engasgado, morra de velhice ou quem sabe, eu entre no mar e nunca mais seja encontrado. Sei lá. SÓ SEI QUE DE AIDS EU NÃO MORRO! O meu corpo é a minha casa e quem quiser morar vai ter respeitar as minhas regras. O sono vem chegando, durmo. De noite, minha irmã me acorda com um sorvete. Tá calor pra caralho! A pior coisa de acordar foi perceber que não era um sonho. O exame, o médico, o consultório, tudo realmente aconteceu. Arde e refresca. Engraçado que seguir em frente seja chupar picolé de milho verde com o coração magoado. Arde mais do que refresca.

Dia Mundial da Preguiça

Andre de Carvalho

O domingo devia ser decretado como o Dia Mundial da Preguiça. Você acorda mais tarde, mas não assim tão tarde, pois já tem o sono condicionado como madrugador há pelo menos duas décadas. Contudo, antes das 8h já está de pé. Passa a mão ao lado da cama e se dá pela falta dela. Então se lembra de sua companheira ter comentado na noite anterior que estava inscrita em uma corrida de rua no outro lado da cidade. Dessa vez, foi ela quem madrugou.

Você pega dois pratos de sobremesa e prepara frutas para dois. Corta uma fatia de mamão, uma fatia de melão e meio abacate. Pica as fatias de mamão e de melão e o meio abacate em pedaços menores, distribuindo-os igualmente nos dois pratos. O prato fica tricolor: amarelo, laranja e verde. Sobre as frutas você coloca chia, semente de girassol, castanha do Pará, uva passa, damasco, amêndoa e noz. Deixa o prato preparado para a companheira sobre o armário da cozinha e leva o seu para a sala.

Você se senta no sofá, se cobre com uma manta e liga a tevê. Pensa: depois de correr 10 km, com certeza ela vai chegar com uma fome de leoa. Você come enquanto escolhe um filme qualquer no seu streaming favorito. Você se interessa por um filme assim que confere a sinopse e a crítica. Não conhece nenhum dos envolvidos na produção, nem os atores, nem o diretor e muito menos a obra na qual o filme se baseia. Mesmo assim você assiste ao filme?

Você é curioso. As crianças ainda estão dormindo e o filme só tem uma hora e trinta e cinco minutos. O filme começa, mas não te fisga de imediato. A narrativa é lenta e os movimentos de câmera idem. A montagem, a edição e os jogos de luz e sombra divergem do habitual hollywoodiano, pois não se trata de mais um filme norte-americano. Você para ou continua?

Você continua.

A escassez de diálogos incita o espectador a ler nas entrelinhas. O roteiro do filme é absolutamente cotidiano e realista. Não há perseguição de carros nem explosões de prédios. Não há trocas de tiros nem saltos espetaculares de helicópteros ou de pontes. O filme apresenta uma história crível que prima pela verossimilhança. O desenvolvimento da narrativa é comum e tão corriqueiro que poderia acontecer com qualquer pessoa em qualquer parte do planeta. Você para ou continua?

O filme não apresenta reviravoltas, clímax, anticlímax ou plot twist. Não acontece nada demais. A vida flui cotidiana e sem maiores surpresas, a vida em sua plenitude.

Há casais, mas o enredo não trata sobre um romance específico entre jovens que acabaram de se conhecer, muito menos sobre um relacionamento em crise. Quem tem o seu par, simplesmente tem o seu par. Quem está só, simplesmente está só porque não encontrou ninguém ou porque não está à procura de alguém. E está tudo bem.

Não se trata de uma história de vingança com um conflito de vida ou morte, mostrando uma perseguição implacável entre dois homens armados por conta de dinheiro e poder. O centro da trama não envolve uma mulher misteriosa, pois no filme não há um triângulo amoroso.

Mas, afinal de contas, que raios tem nesse filme então?

Ok. No filme não há um personagem principal. Os personagens são mostrados individualmente ou interagindo uns com os outros conforme o acaso dos encontros cotidianos. Não há uma trama e um objetivo a ser alcançado. Alguns personagens estudam, outros trabalham e ainda há aqueles que estudam e trabalham. Cada um na sua, cada qual no seu quadrado e todos juntos e misturados como na vida real do nosso vasto mundo.

Burburinhos no enxame. Todos representam papéis principais para si e coadjuvantes para os outros. Protagonistas e coadjuvantes formam um contingente de figurantes.

Não há ninguém tramando ou atentando contra a vida do próximo. Não há discussões exacerbadas, sequer xingamentos. Decididamente, no filme não há um conflito aparente.

Essa obra cinematográfica também não trata sobre o amadurecimento de uma criança ou de um adolescente específico. Cada personagem é retratado conforme a sua fase da vida e nenhum é mais importante ou menos interessante do que o outro. As vidas se cruzam ou não se cruzam em um fluxo contínuo e desordenado.

Antes da apresentação de cada personagem, há uma panorâmica da ambientação e também takes de detalhes do local. A locação é pequena: as tomadas externas retratam algumas ruas de um bairro de uma cidade qualquer e as tomadas interiores se passam em casas simples, mas não humildes, nem muito ricas e tampouco pobres.

O filme não apresenta cortes bruscos ou colagens de imagens, de forma a ser muito experimental. Embora seja uma produção independente e, por isso, não se sujeita a qualquer espécie de concessão comercial.

Enfim, a narrativa é cheia de vida cotidiana. E nesse ponto o filme se fecha em si mesmo. Portanto, ele se basta.

Entre a culpa dos *nãos* e a exaustão dos *sins*

Fernanda Staniscuaski

O dia começa sempre antes de mim. Não é poético. É logístico. É a hora em que a casa desperta numa orquestra de pequenos pedidos. Tem leite, tem uniforme, tem folha para assinar, tem recado da escola que jura que foi enviado na semana passada. Tem notícia urgente no trabalho que insiste em ser mais urgente que a vida. Tem prazos que poderiam esperar, mas aprenderam a gritar. Tem janela aberta e chuva que entra sem delicadeza. Tem o meu nome repetido como um sino.

Respiro.

Chego em casa e a porta ainda carrega o peso de um dia inteiro. A chave gira como quem pede licença. A mochila escorrega do ombro e abre uma fenda por onde a noite entra apressada. Na cozinha, as panelas esperam notícias. No corredor, três pares de tênis apontam direções opostas. No sofá, um casaco diz que alguém saiu correndo. No meu corpo, todos esses sinais se transformam em listas invisíveis. E antes mesmo de respirar, a primeira pergunta chega. “Mãe, tu podes...” E eu sinto a frase se abrindo em encruzilhada. De um lado, o sim. Do outro, o não.

Eu sei que o mundo gosta do sim. O sim se anuncia. O sim é generoso. O sim se oferece. O sim conta boa história, vira foto. Só que o sim cansa. Se multiplica sem nos perguntar se ainda existe lugar. O sim tem fama de herói, mas também sabe sugar até a última faísca da nossa energia. O não, por sua vez, nunca passa despercebido. O não é mal interpretado, veste uma roupa de vilão. Ele bate à porta, pede justificativa, obriga discurso. E entre um e outro, eu atravesso a casa medindo o que pode permanecer de pé.

É fácil gostar do sim. No trabalho, o sim vira presença, vira projeto. Na vida pública, o sim vira discurso. Em casa, o sim vira colo. O sim constrói pontes, só que ninguém avisa que construir pontes todos os dias estica o corpo além do seu tamanho.

A culpa dos não tem a cor de céu carregado. Quando uma criança chega com os olhos cheios de expectativa e eu preciso dizer não porque estou terminando algo que não pode ser adiado, eu arrasto a culpa até a pia, até o fogão, até a mesa. A culpa fica em cima dos talheres e eu sirvo a janta como quem pede perdão. A culpa dos não sussurra que eu poderia ter inventado um minuto. Que eu poderia ter escolhido diferente. Que eu deveria ter deixado o mundo em espera. A culpa lembra que a infância tem pressa de acabar e tudo nela pede o sim agora. A culpa dos não é traiçoeira. Ela se alimenta do amor. Ela se apresenta

como prova de que eu me importo. Ela me pede explicações que nunca terminam. E quanto mais explico, mais ela cresce.

A exaustão dos sins tem outro tom. Não é um sussurro. É um zumbido. Que fica atrás dos olhos quando eu digo sim a mais um evento porque é importante. Sim a mais um texto porque me pediram com carinho. Sim a mais um café que vira reunião. Sim que atravessa o fim de semana disfarçado de gentileza. Quando dou por mim, a exaustão me pega pelo braço e me leva até o espelho. O rosto denuncia. Não dá para fingir. A exaustão lembra que eu tenho um corpo. Lembra que o corpo não mente. Lembra que o corpo pede licença antes do colapso e, se eu não concedo, ele toma.

No trabalho, o sim me protege. Ele me mantém em circulação. Me dá a sensação de que eu não parei. Não parei de pensar, não parei de produzir. Só que esse movimento tem um custo. Quando eu entro em casa com sins demais, trago pedaços de conversas que não pertencem à sala. O riso fica apertado entre as notícias, as coisas se atropelam e eu não escuto direito a história do desenho que saiu torto, mas é lindo, porque a mente está tentando terminar um raciocínio que não terminou no horário de expediente. É nesse momento que a exaustão dos sins se senta entre nós e ocupa um lugar que não é dela.

A exaustão dos sins tem um parente próximo. A vaidade. Aquela que me cochicha que só eu faço assim, que só eu resolvo, que só eu dou conta. A vaidade me empurra para o sim como se o mundo dependesse exclusivamente de mim. A vaidade adora quando o sim vira aplauso. A vaidade me coloca num pedestal e depois me empurra para fora dele. E eu caio exausta. A vaidade não passa de um truque. Se eu olho de frente, ela diminui. Eu repito para mim mesma que ninguém é insubstituível. Eu repito que equipes existem por um motivo. Eu repito que projetos não morrem quando eu descanso. Eu repito até acreditar.

Cada sim carrega uma promessa. Eu vou. Eu faço. Eu resolvo. E a promessa pesa. A promessa ocupa a cabeça na hora errada. A promessa insiste em entrar no banho, atravessar a mesa, ficar em pé ao lado da cama enquanto tento dormir. Mas a verdade é que eu não vivo só de promessas. Eu vivo de presenças. E presença, muitas vezes, nasce do não. O não que me salva é o que protege o tempo. O não que abre espaço para o que não cabe em mais nenhum lugar. O não que sustenta o chão da casa para que o sim não desabe. O não cuida do que eu não sei cuidar quando estou acelerada. O não devolve contorno. O não me devolve para dentro de mim. E só então o sim volta a ter corpo.

Há imagens que me servem como bússola. Uma panela que passa do ponto quando eu tento responder e-mail durante o molho. Uma agenda que se organiza sozinha quando eu fico cinco minutos com o celular virado para baixo. Uma conversa no telefone que troco por

um passeio até a esquina com um deles. Uma reunião que remarca e nada desaba. Quando eu vejo, percebo que o mundo não se move porque eu digo sim para tudo. O mundo se move porque muitas mãos empurram.

Num mundo que adora métricas, o sim rende números. O não rende saúde. Pode soar como lugar comum. Não é. É constatação de quem já colecionou semanas com agenda impecável e humor nenhum. De quem já empilhou entregas e esqueceu de jantar com calma. De quem já recebeu elogios e, no mesmo dia, esqueceu de ouvir com atenção uma pergunta simples dos filhos. A vida não se mede pela quantidade de sins, mas pela inteireza que sobra depois deles.

Os meus filhos não sabem nada disso com nomes. Eles sabem do jeito certo. Pelo corpo. Eles sabem quando a mãe está longe por dentro. Eles percebem quando a resposta vem tardia. Eles sentem quando o riso está apressado. Eles não pedem teses. Eles pedem tempo. E aqui mora o centro de tudo. O tempo é a matéria que a culpa dos não e a exaustão dos sins disputam como se fosse um lençol curto. Puxa de lá, descobre aqui. Puxa daqui, descobre de lá. A minha tarefa é aprender a recolocar o lençol no lugar todos os dias sem rasgar o tecido.

Eu queria contar que existe uma fórmula. Uma equação que resolve a dança entre os não e os sins. Não existe. O que existe é uma espécie de ofício. Um jeito de aprender a escutar o que pede passagem. E nem sempre essa voz é polida. Às vezes é um cansaço que treme a mão. Às vezes é a vontade de chorar no corredor sem motivo claro. Às vezes é o riso dos filhos vindo do quarto e me chamando de volta para o chão. Às vezes é o silêncio que eu teimo em adiar.

Não há fórmula. Mas há um tipo de sim que eu ando treinando. O sim curto. O sim com borda. O sim que diz que eu vou, mas por uma hora. O sim que aceita o projeto, mas negocia prazo real. O sim que marca presença sem prometer o impossível. O sim com borda não agrada todo mundo. Ele não é espetacular. Mas ele é possível. Ele respeita o que eu posso dar sem me esvaziar. E quando eu o pratico com consistência, as pessoas percebem que aquilo que eu entrego chega inteiro. O sim com borda é o que cresce devagar e sustenta. E os não... Eu tento que eles venham com a delicadeza que merecem. Não é não para o trabalho. É não para o excesso. Não é não por falta de amor. É não para proteger o próprio amor de virar tarefa.

E, no fim, nem sempre há equilíbrio. Mas há coerência. Coerência com o que eu digo em público e pratico em casa. Coerência com a mãe e a profissional que eu consigo ser. Coerência com a minha própria escala de importância. Eu erro. Reajusto. Erro de novo. E

sigo. Nesse movimento que parece impreciso, encontro um ritmo. Não é bonito todos os dias. Não é admirável. É humano. O que posso fazer é ser honesta com o que escolho. E limpar, aos poucos, a culpa que me visita quando fecho uma porta.

Amanhã cedo a casa vai despertar de novo. O corredor vai ecoar. O telefone vai vibrar. Os nomes vão se repetir. E eu vou começar outra vez esse ofício de decidir. Pode ser que eu tropece na mesma pedra que jurei ter visto ontem. Pode ser que eu acerte a sequência por sorte. Mas a culpa dos não diminui quando eu lembro do que esse não protegeu. A exaustão dos sins diminui quando eu começo a dar ao sim o tamanho que ele merece, não o tamanho que alimenta a vaidade. E eu sigo. Com a coragem de desagradar quando for preciso. Com a humildade de pedir desculpas quando eu atravessar a linha. E quando a noite cair, eu vou deitar sabendo que meus não respiraram verdade... e que meus sins não me roubaram de mim.

Entre o orgulho do clube e o silêncio do espelho

Altemar Pontes

Parece besteira. Outro dia, porém, estava num bar, numa roda de amigos, quando me vi no meio da conversa de dois deles, em lados opostos:

— E aí, mijar em pé ou sentado?

Meu papel era de voto de minerva. Mais do que escolher entre um vaso seco e outro respingado, era optar por um lado — de certa forma, por um jeito de estar no mundo. A polarização urinária estava formada. E olha que nem era grupo de política, muito menos de WhatsApp.

Já discutimos, num passado recente, se samba-canção era “de macho” ou se cueca justa era “coisa de maricas”. Que usar hidratante era desvio de conduta. Que homem não cruza a perna, não elogia outro homem, nem se perfuma demais. Pequenas escolhas tratadas como provas de identidade ancestral.

A masculinidade virou um território minado de obrigações invisíveis. Uma cartilha não escrita onde até o jeito de urinar denuncia o “clube” a que você pertence. E, nesse clube, joga-se o quê? Contra quem?

O banheiro é uma das nossas primeiras trincheiras. Lá aprendemos que limpar era se rebaixar. Que sentar era uma rendição. Que abaixar a tampa... era praticamente trair o lado de cá. Nosso papel, nos ensinaram, era simples: mijar e sair.

Quantas vezes não ouvimos:

— Limpar é coisa de mulher.

— Se sentar, perde a moral.

— Abaixa a tampa, mas não demais.

E assim se formaram fileiras de soldados da masculinidade sanitária. Apegados ao gesto, sem saber explicar o porquê. Durante muito tempo, o “valentão” era o modelo — e oito de cada dez meninos queriam ser deste clube. O nerd de óculos ficava de lado. Hoje, aquele nerd é empresário... enquanto o valentão pode muito bem ser o tio que, pasme, limpa o banheiro. Não por falta de dignidade no trabalho, mas porque talvez o valentão, esse sim, já não seja digno.

Na escola, o banheiro era território neutro — ou melhor, um lugar de “necessidades”, todavia nunca das humanas. Ninguém falava de cuidado. De convivência. De detalhe. E eu levei isso adiante.

Só entendi quando virei marido. Em seguida, pai.

Porque ser pai também é ensinar sem aula: é quando seu filho observa em silêncio — e copia.

Se ele me vê mijando na tampa ou no piso, aprende a não limpar. Se me vê deixando tudo para a mãe, aprende a terceirizar.

Se escuta deboche, entende que respeito é artigo raro — especialmente no banheiro.

Não é sobre levantar ou abaixar a tampa. É sobre reciprocidade. E ela só existe quando é de mão dupla.

Casamentos se sustentam em gestos mínimos. Não são grandiosos; ainda assim, definem se a relação é parceria ou sobrecarga. Um banheiro sujo pode não ser uma ofensa — entretanto, é um símbolo.

Demorei pra entender que o incômodo não era o vaso. Era o espelho. O que ele dizia de mim — e do homem que eu achava que precisava ser para manter o crachá de membro do clube. Afinal, como seria se eu fosse “demitido”? E se ninguém mais me respeitasse no bar, no trabalho, no futebol, por causa de uma tampa?

A masculinidade que nos foi ensinada exige prova constante. Não basta ser homem; é preciso reafirmar isso o tempo todo. De preferência, com jato firme, pegada bruta e omissão afetuosa.

E se fosse o contrário?

E se ser homem fosse não precisar provar nada?

Foda-se o clube.

Não quero que meu filho cresça achando que masculinidade é desprezo pelo cuidado. Ou que respeito é algo que se mostra só fora de casa.

Se quero que ele tenha novos referenciais, preciso ser um deles.

Isso não se constrói no discurso bonito; nasce da rotina: no banheiro, na louça, na escuta, no jeito de tratar a mãe dele e a ele próprio.

A masculinidade saudável não é só sobre o que se fala — e sim sobre o que se faz quando ninguém está vendo.

Ser homem, pra mim, hoje tem mais a ver com o silêncio da madrugada do que com o barulho orgulhoso do jato.

Se eu puder ensinar algo ao meu filho, que seja isso:

— Às vezes, sentar é um ato de coragem. Ou de preguiça. Ou apenas para não acordar ninguém.

Sentar pra lembrar que cuidar não tira pedaço. Porque a vida já anda bruta demais — ser homem não precisa endossar essa lista.

E você?

Ainda mede sua masculinidade pelo barulho que faz no mijão?

Se não, ótimo. Olhe para o espelho, não para o vaso — é lá que está o homem que o mundo realmente verá.

Mensagem

Maria do Rocio Prado

Outro dia, não sei porque, me lembrei de uma música que minha avó costumava cantarolar. Chamava-se *Mensagem** e começava assim:

Quando o carteiro chegou, e o meu nome gritou, com uma carta na mão...

Quase ninguém deve se lembrar dessa canção. O que me fez refletir que ao contrário de outras melodias também muito antigas, ressuscitadas em novelas e filmes contemporâneos, *Mensagem* nunca reapareceu, certamente porque a letra não faria o menor sentido no mundo de hoje. Apesar da composição ter quase oitenta anos, a experiência de receber uma carta não é tão distante. Há menos de três décadas ainda nos comunicávamos assim. Fomos transitando da carta para o fax, depois chegamos ao e-mail e sem desistir deste, finalmente nos instalamos nas redes sociais.

Pouco a pouco, acabou-se o prazer de receber cartas de amor e de amigos, e a conversinha com o carteiro, nosso velho conhecido. Percebam que a canção não diz um carteiro chegou, mas o carteiro chegou. E pasmem, grita o nome da dona da casa em vez de depositar a carta na caixinha de correio.

Essa profissão quase romântica inspirou igualmente a literatura e o cinema. Um dos melhores exemplos é o filme *O carteiro e o poeta*, baseado num romance do escritor chileno Antônio Skármeta. É a história fictícia da amizade nascida entre o poeta Pablo Neruda e o enamorado carteiro Mário, que entregava a correspondência de Pablo e acaba pedindo a ajuda do poeta para conquistar a moça pela qual está apaixonado. A interação entre os dois é o que torna o filme delicioso.

O novo milênio nos limitou a receber pacotes e a cada hora de um estranho. Não se entregam mais palavras, entregam-se mercadorias. Trocamos pensar por consumir e o carteiro por um funcionário aleatório de uma transportadora multinacional. Será muito difícil essa rotina mercantil, impessoal e cronometrada inspirar uma obra de arte.

...Ante surpresa tão rude, nem sei como pude chegar ao portão...

Não é preciso mais ir até o portão, como diz a letra da música, basta pegar o celular.

Surpresa rude agora é abrir a caixinha do correio e ao invés de uma carta, encontrar um monte de panfletos de propaganda.

...Lendo o envelope bonito, no seu subscrito eu reconheci, a mesma caligrafia, que me disse um dia: estou farto de ti...

Envelope bonito? Praticamente não utilizamos mais. Caligrafia? As gerações mais recentes nem sabem o que é. Foi substituída por fontes manuscritas. Rompimento por escrito? Coisa do passado, não dá para imaginar. No universo de encontros online, leva-se o fora de maneira virtual, brusca e instantânea, através de bloqueio. Mas ainda é melhor do que um sumiço. Em uma cena da comédia romântica *Ele não está tão a fim de você*, a personagem de Drew Barrymore reclama de ter que checar se recebeu uma mensagem em tantos portais diversos, somente para acabar sendo rejeitada por sete tecnologias diferentes. Estamos nesse pé.

...Porém não tive coragem de abrir a mensagem porque na incerteza, eu meditava e dizia: Será de alegria? Será de tristeza?...

Ao contrário da canção, geralmente não é por falta de coragem que a pessoa deixa de abrir uma mensagem, mas sim porque está sendo bombardeada ao mesmo tempo por meia dúzia de aplicativos despejando sem parar todo tipo de informação, a maioria desnecessária. É como se o carteiro entregasse diariamente uma centena de cartas para o mesmo indivíduo.

Falando em tristeza, uma vez li que a escritora britânica Nancy Mitford jamais relatava sua solidão ou problemas de saúde ao escrever suas cartas. Ela acreditava que autocomiseração diminuiria o prazer de quem as estivesse recebendo. Ao descobrir isso, pensei imediatamente na elegância de uma amiga, que certa vez me enviara uma carta que começava assim: aqui vamos levando, com os probleminhas de sempre. Ela usara o diminutivo para amenizar a gravidade de seus contratempos e prosseguia sem mencionar quais eram os tais probleminhas.

...Quanta verdade tristonha ou mentira risonha, uma carta nos traz...

Continuamos recebendo verdades tristonhas e mentiras nada risonhas. Porém agora elas chegam automaticamente através dos aplicativos espiões, que conhecem muito bem nossos interesses, ou enviadas por nossos contatos. Raramente estes últimos se prestam a escrever, quero dizer, digitar contando suas novas. A maioria está apenas repassando fotos retocadas, vídeos repetitivos, piadas tolas, pseudofilosofia e outras baboseiras. Além de links para notícias escabrosas, nem sempre verdadeiras, que fazem a gente ter vontade de pular fora do planeta na mesma hora. Sem nenhum refinamento. Sabemos que alguns amigos estão vivos apenas através de seu movimento nas redes sociais. Recentemente descobri que um deles havia se casado e nem me comunicou.

...E assim pensando rasguei, tua carta e queimei, para não sofrer mais.

Finalmente, depois de matutar sobre o conteúdo da carta, a protagonista decide destruí-la sem ler. Definitivamente ela não era nem um pouco curiosa. Se eu recebesse uma carta, ou melhor, um torpedo de um ex-namorado, não resistiria. Mas antes de ler, tomaria o cuidado de desativar no meu celular aquela opção que permite a quem enviou saber se a mensagem foi lida. Para deixar a coisa no ar, mais ou menos como no caso de uma carta sem resposta.

Resolvi dar mais uma chance à *Mensagem* atualizando a letra, mas mantendo o título. Os tempos mudaram muito, mas mensagem continua sendo mensagem, seja entregue por pombo-correio ou pela última versão do iphone. Pelo menos o nome da canção se safou.

Quando um torpedo chegou, e o teu nome apitou, o celular na minha mão

Ante surpresa tão rude, nem sei como pude derrubá-lo no chão

Lendo o teu nome eu grito, que esquisito! pois reconheci

a mesma selfie do dia, em que levei pelo whats o fora de ti

Porém não tive coragem de abrir a mensagem porque na incerteza,

eu meditava e dizia: Será coisa séria? Será safadeza?

Quanta notícia bem chata ou ideia insensata, uma app nos traz

E assim pensando deletei, tua mensagem e te bloqueei, para não sofrer mais.

Não-saber

Renato Moura

Eram tempos de pandemia e, naquela manhã abafada de abril, depois da Páscoa, eu voltava das compras sem nenhuma pressa. Um vento quente soprava nas ruas de Copacabana, levantando poeira e folhas amareladas, cheias de carunchos. Encostado à grade da grande loja de lingerie que tenho por vizinha, junto a um cachorro tão esquálido que se viam os ossos, um pedinte estendeu-me a mão, mas eu não tinha nenhuma moeda para lhe dar. A última, dera-lhe antes de ir ao mercado. Ou não? Já não conseguia me lembrar.

Quando entrei no meu prédio e fiquei à espera do elevador, vi um homem – aparentemente, sessentão como eu – em frente ao painel luminoso azinhavrado e já quase submerso num mar de ladrilhos verdes. Tinha nas mãos um jornal cuja manchete destacava o aumento vertiginoso do número de casos da Covid-19 no país. Vez por outra, olhava diretamente para o painel, constatando o mesmo que eu: o único elevador em funcionamento naquela manhã teimava em permanecer parado no décimo andar. Eu o conhecia? E ele? Já tinha me visto antes? Enquanto me perguntava isso, ele falou comigo:

— Não moro aqui, mas conheço o senhor de algum lugar, não conheço?

— Pode ser. Na verdade, só sei que nada sei.

Ele ficou em silêncio, observando-me. Uma curiosidade infantil transbordava dos seus olhos. No hall social do edifício, além de nós dois, só estava o porteiro, um homem gordo, de mais ou menos cinquenta anos, devidamente uniformizado, que não desgrudava os olhos do celular. Plasmado em sua cadeira, suava muito. Sobre a mesa escura, na qual apoiava os cotovelos, um pequeno, velho e barulhento ventilador parecia não dar conta do enorme calor que fazia. Talvez tenha se passado mais um minuto sem que o elevador, esquecido de mim e do homem que me dirigira a palavra, desse qualquer sinal perceptível de que se moveria.

— Engraçado – disse o homem, quebrando finalmente a quietude alucinante em que mergulháramos e me examinando de cima a baixo – também tive essa mesma impressão quando acordei hoje.

— Só hoje? – perguntei – Eu estou tendo essa impressão todos os dias.

— Sério?

— Claro! Nessa pandemia, os dias são todos iguais, não são?

— Acho que são...

De novo, o silêncio se estabeleceu entre nós. O homem, então, voltou o olhar para o porteiro, que estava mais suado, mais entretido com o celular e quase não se mexia. Aliás, seu corpo largo quase não cabia na cadeira munida de rodízios brancos que se movia bem pouco sobre o piso há muito carente de uma boa limpeza. Ao menos, ela minimamente se movia, pensei, mas o elevador... O porteiro saberia dizer por que não descia?

Talvez o porteiro esperasse que eu ou o homem lhe fizéssemos tal pergunta. Até cogitei fazê-la, porém hesitei. Naqueles dias, eu era uma espécie de refém das mais diferentes hesitações, era alguém cheio de conjecturas. Então, passou-me pela cabeça que mesmo que o porteiro soubesse o motivo, sua resposta não poria fim ao meu não-saber sobre as coisas. E eu também não sabia se poria fim ao não-saber do homem, tampouco se, para ele, o não-saber era assim tão inquietante. Diante disso, valeria a pena perguntar pela demora do elevador? Sinceramente, eu não conseguia decidir se era melhor perguntar ou continuar indefinidamente à espera de que algum deus *ex machina* fizesse o elevador se mover. Na verdade, tudo ao meu redor exibía ares de espera: o homem, o pedinte, o porteiro, o piso encardido... Talvez até o cachorro do pedinte esperasse por algum imprevisto e bem-vindo regalo para o estômago. E quem havia contraído a Covid? Esperava por dias melhores? Ou, com a morte brandindo a foice, já tinha se cansado de esperar? Felizmente para mim, o vírus ainda não batera a minha porta. Mas que garantia eu tinha de que, mais cedo ou mais tarde, não iria bater? Eram tantas notícias cinzentas nos jornais... Quando chegariam as vacinas? Quando seus adversários deixariam de fazer pouco caso delas ou de inventar que continham algum tipo de chip para controlar as pessoas? Quando iria acabar todo aquele *non sense*? Quando? Como Sócrates, cada vez mais eu só sabia que nada sabia. Nisso, o homem tornou a falar:

— O elevador não vem e ele não se mexe – disse, um pouco irritado, referindo-se ao porteiro.

— Não se mexe porque sabe de tudo... – observei com ar um pouco jocoso.

— Sabe? Ah, se eu também soubesse... Essa sensação de não-saber me angustia.

— A mim, também.

— Se ele sabe de tudo, será que sabe por que a gente não sabe nada?

Não lhe respondi, indo em direção às escadas de serviço. Não me seguiu, preferindo permanecer em frente ao elevador e pousar novamente os olhos no jornal. Por quanto tempo ainda ficaria ali? Eu não fazia a menor ideia, mas, entre tantas dúvidas e hesitações, pelo

menos saboreei uma certeza: aquele homem – que eu conhecia ou não, pouco importava – se sentia tão incomodado com o não-saber quanto eu.

O chapéu: crônica filosófica

Fábio Palácio de Azevedo

Profusão de cores, odores e sabores — apoteose das sensações. E lá estávamos nós, na feirinha de domingo, em pleno centro histórico de São Luís do Maranhão, o maior conjunto colonial português das Américas. Lá estávamos, eu e ela, ladeados por azulejos, pisando pedras de cantaria, sentindo o aroma da vinagreira e dos frutos do mar à volta das barracas de comidas típicas. E, claro, ouvindo a música que ecoava do palco central.

No intervalo entre duas atrações, conferimos o folheto informativo com a programação da festa — eclética, diga-se. Após uma roda de samba, outro grupo musical já se colocava a postos. Ela pergunta:

— Sabe qual o estilo desse grupo?

— Pop internacional — respondi, após olhar de relance o folheto.

Minutos depois a banda subia ao palco. O *set list* começava com “Everytime you go away”, de Paul Young. Em seguida, um clássico do saudoso Fred Mercury.

— Noossa... — exclamou ela — É pop e não é pouco. Como você percebeu? Já conhecia a banda?

Não conhecia. E repeti a mim mesmo a pergunta: Como foi que eu percebi? Olhei de novo o folheto. Nada no nome — um tanto genérico — ou na foto da banca atestava o repertório de música pop internacional. Podia perfeitamente ser um grupo de MPB, de jazz ou até uma banda gospel.

Peguei novamente o folheto. Escaneei a fotografia da banda em seus pormenores. De fato, nada na imagem indicava o estilo. Nada, a não ser — oops — um pequeno detalhe: o chapéu do vocalista, um Trilby cinza, de feltro e aba curta, com uma faixa de tecido acetinado em volta da copa, esta levemente afunilada no topo.

Não era um simples acessório: era parte da identidade do grupo. O chapéu inclinado para a frente, lascivo e misterioso, já fora explorado à exaustão no *mainstream* da cultura de massa. Era adereço típico de uma banda pop.

Convenhamos: entre todos os objetos de uso pessoal, o chapéu talvez seja o mais cênico, o mais eficaz como marcador simbólico. Que seria do Zorro sem seu velho aba larga de cor preta? Como poderia o Chapeleiro Maluco transitar pelo País das Maravilhas despojado de sua cartola? Quanto perderia Indiana Jones de seu ar aventureiro sem o

afamado Fedora marrom? Como conceber a sabedoria bucólica de Tom Jobim desprovida de seu inseparável Panamá?

E há os chapéus femininos. Walter Benjamin, em seus escritos sobre a moda parisiense do século XIX, vê neles um disfarçado erotismo. Não é preciso pensar muito para concordar: dos chapéus de frutas de Carmen Miranda à sensualidade dos modelos de Scarlett O'Hara — a menina aristocrática e birrenta de *E o vento levou* —, passando pelo capacete cor de rosa da personagem de *cartoon* Penélope Charmosa, há sempre algo de erótico à espreita. Esse erotismo pode alcançar altitudes crítico-políticas, como nas representações de bruxas medievais, com seus longos chapéus fálicos a indicar inconformismo e oposição ao estabelecido.

Tomei um gole de cerveja e me pus a pensar sobre o poder da significação. Aquele chapéu havia conversado secretamente comigo, comunicando uma mensagem que eu, de forma instintiva, passei adiante. Mas sua fertilidade conotativa ia além: o chapéu não apenas me transmitiu *uma* mensagem; falou algo sobre a natureza íntima de *toda* mensagem, de toda representação.

Precisamos falar sobre essa secreta eloquência das coisas. Há muito de invisível no visível; na verdade, há muito mais coisas invisíveis do que visíveis. “Não procures nem creias: tudo é oculto”, dizia Pessoa, levando esse reconhecimento ao limite.

Que mundo é este em que, ao invés de as ideias nomearem os objetos, são os objetos que, qual coelhos, vivem parindo ideias a rodo? Que mundo é este em que, ao invés de cada ideia ter seu próprio objeto — “*one man, one vote*” da representação simbólica —, o que temos, ao contrário, são objetos jorrando ideias como se fossem canhões de confetes coloridos? Por que parece haver mais signos do que coisas, mais figurações do que objetos figurados?

Será este o mundo de que fala a tal *virada linguística* — mundo da autogeração semiótica, em que as ideias se desprendem de seus correlatos empíricos para viver vidas mais livres e fecundas no etéreo da imaginação? Como entender essa atmosfera cognitiva em que as ideias parecem gritar — dura derrota do nominalismo filosófico — que não são entes de segunda ordem, que já não podem viver ancoradas nos objetos, fundeadas no eterno porto da coisificação?

Vivenciamos uma realidade em que a eficácia das abstrações se insinua maior que a “ganga” do mundo material. É como se as coisas e os fatos depusessem armas em face do poderio avassalador das causas e das interpretações.

Enquanto a concretude do mundo se esfuma na dinâmica infinita da produção de sentidos, estes, inversamente, parecem duros como o diamante, tangíveis como as pedras de

cantaria, concretos como qualquer outro pedaço de realidade. E, no entanto, embora se afigurem mais pesados que o ar, os sentidos ainda são capazes de levitar. Paradoxo da leveza, como nas rochas flutuantes das pinturas de Magritte.

Refletia eu sobre tudo isso entre um gole e outro, enquanto o pop internacional troava em altos decibéis, fazendo trepidar os antigos mirantes, as paredes de azulejos coloniais, a estátua de bronze fundido do jornalista João Lisboa. Por um momento pensei em camadas de tempo sobrepostas, gritando umas sobre as outras através de signos tempestuosos.

Tempestuosos como os oitis balançando na praça sob o influxo dos ventos de setembro. Ventos que, num sopro mais forte, arrancaram o chapéu do vocalista da banda. O adereço desprendido, esvoaçante no ar, flutuou por alguns segundos antes de beijar o chão das pedras de cantaria.

Em meio à cena inusitada, só por mim percebida, ambos, o chapéu e as pedras — testemunhas de tempos díspares —, me olharam fixamente. Pareceu, por um segundo, que tinham alma. Pareceu que sorriam. E o sorriso me comunicava o eterno mistério das coisas: tudo é signo, tudo é semiose... tudo é cultura.

O corpo

Vinicius Novaes

Fazia tempo que o corpo estava caído no asfalto, coberto apenas por um lençol coxo que deixava à mostra os pés pretos sem chão e sem vida. Quando cheguei, já estava lá, disse o dono da banca ao taxista. Mais um? — ele respondeu enquanto folheava as notícias do dia, de pernas cruzadas.

O rapaz, que descera apressado do ônibus, segurava com as duas mãos a mochila que fazia as vezes do guarda-chuva e, talvez por isso, não tenha feito o sinal da cruz quando passou diante do corpo, tal qual a senhora que esperava pela condução. Adiante, um senhor de paletó e gravata, bem alinhado, caminhava em círculos pela praça, segurando um livro e, com o dedo em riste, apontava para ninguém. ‘Acautelai-vos, porém, dos falsos profetas, que vêm até vós vestidos como ovelhas...’, clamava, eufórico e ineficaz, já que todos que passavam por ali queriam ver o cadáver coberto pelo lençol encharcado.

O garoto, que fugia da chuva, ao cruzar o púlpito do pregador, deparou-se com o corpo sem vida sobre o asfalto molhado e sacou o celular para uma foto, sem se importar agora com as gotas pesadas que vinham do céu. O bêbado surgiu por entre os carros e parecia não ligar para o que estava acontecendo. Passou trançando as pernas, sem destino, chamando por alguém que não deu para ouvir.

Os motoristas reduziam a pressa e abriam os vidros para depois fechá-los de novo com receio daqueles que perambulavam no cruzamento à frente. Os passageiros do ônibus, que ia a duras penas, quebraram a monotonia da espera e correram para as janelas, curiosos para ver aquilo que chamava a atenção dos que passavam por ali.

Alguém morreu, disse uma senhora, tampando os olhos com as mãos.

Misericórdia, pedia alguém debruçado na janela do coletivo lotado.

Coube ao agente de trânsito a tentativa de controlar a curiosidade dos motoristas que insistiam em desacelerar. Vamos, vamos, gritava e gesticulava como se pudesse empurrar os carros com as mãos. Dois policiais, que se protegiam da chuva dentro da viatura, faziam a vigília do corpo: um, falando ao celular e o outro, olhando para o horizonte no meio de um bocejo.

O senhor, que caminhava pela calçada, agachou-se por entre os carros congestionados até os seus olhos alcançarem o pano branco que cobria o cadáver, e a

incógnita de seu fim. Ninguém sabia dizer o porquê da morte, e o corpo era tão somente um objeto no caminho, atrapalhando o trânsito.

Carregador de celular, suporte para celular, fones para celular, tudo pra celular, berrava o vendedor, que desviou do corpo com a agilidade de quem desvia de um buraco qualquer. Passou sem pedir licença à morte — e talvez nem tivesse se importando muito também: congestionamento como aquele costuma sempre render bons negócios.

Vai um fone de ouvido aí, doutor?

E tão logo continuou a berrar por entre os carros: carregador de celular, suporte pra celular, tudo pra celular...

O grito, então, foi se misturando ao som aflito das buzinas, ao disse me disse das ruas, às preguiças nunca ouvidas, aos burburinhos que vinham de todos os lados.

Na esquina, dois homens tentavam elucidar o caso entre um gole e outro de cerveja. Três amigas calaram a tagarelice quando por ali passaram e depois continuaram a tagarelar. A mãe virou o rosto da criança enquanto olhava curiosa. E um senhor que vinha devagar, devagar se foi sem sequer perceber o acontecido, parecendo ignorar também o grito do dono da banca — até que enfim.

Era o rabecão que encostava; devagar, é verdade, mas, por fim, encostava. E de lá saiu um homem também desapressado, que se esticou primeiro, deu um bocejo e acendeu o cigarro que parecia tragar com alívio enquanto procurava o que veio buscar. Para ajudar, os dois policiais chegaram pisando macio e apontaram para a avenida com a não urgência de quem queria deixar o tempo correr frouxo. Tranquilos, os três começaram uma conversa que terminou com o fumacê da última tragada do sujeito do rabecão que empestou os arredores.

Enquanto isso, carros buzonavam, motos passavam apressadas pelos corredores estreitos, caminhões fechavam cruzamentos. O trânsito, sempre caótico naquele horário, estava ainda pior. Mas era por conta do semáforo que não resistira à chuva de todo o dia. E o corpo, àquela altura, era apenas parte de um enquadramento trágico, visto com normalidade por quem transitava por ali.

E assim a tarde foi terminando.

O céu branco, que contrastou o dia todo com o cinza das ruas, ganhava tons alaranjados na noite que adentrava. A chuva ainda persistia quando a cidade foi se esvaziando, aos poucos: os burburinhos se calaram, as teorias se embriagaram, a banca fechou. Era tarde quando o corpo, que ninguém soube dizer de quem era, foi levado pelo rabecão. Por ali, sabia-se apenas que se tratava de um par de pés pretos.

Vinícius Novaes é jornalista e escritor. É autor dos livros de crônicas 'Eu te amo, mas estou bêbado' (Multifoco) e 'Ninguém via chapéus ou meninos' (Litteralux)

O corredor dos barões

Walter Paulo Sabella

Os meteorologistas nem sempre acertam. Mas eles, os marreteiros de guarda-chuvas e sombrinhas, raramente erram. O ajuntamento crescente de sua, digamos, categoria profissional, no entorno dos túneis de acesso ao metrô, poderia ser lido como um boletim do tempo. Aquelas nuvens carregadas prometiam água. Anoitecia. Fim do expediente. Apressei o passo. Ida e volta pelo mesmo caminho. Nas faixas carroçáveis, o engarrafamento, *embouteillage*, como dizem os parisienses. Nos bares e lanchonetes, o contrário; o esvaziamento das garrafas.

Relato algumas cenas de meu itinerário, e as enumero, por preciosismo metodológico: 1. O cavalheiro prestativo, com o cigarro aceso entre os lábios, abastecia o carro da desavisada dama, despejando, pelo bocal do tanque, um galão de gasolina, cuja evaporação, a céu aberto, facilita a combustão; 2. O carro estacionara sobre a calçada, defronte um bar, junto a dezenas de mesas ocupadas por bebedores de álcool, também classificado como combustível, o que não neutralizava o risco; 3. Numa das mesas, sobre o tampo redondo, uma dezena de garrafas vazias e, ao redor, em pé, alguns rapazes e moças, mal saídos da adolescência, gargalhavam alto, com o corpo inteiro, braços abertos, cabeças curvadas para trás; com o esbarrão nos vizinhos, alguns copos viraram cacos; 4. A chegada do enorme cão, arrastando pela guia o seu dono, um homem miudinho que atirou ao chão um toco de cigarro inacabado, deixou demarcado ali, com os meios dotados pela mãe natureza, o que chamam de território do animal, remanescendo no acidentado sítio de calçamento o produto das funções fisiológicas; 5. O ciclista veio em seguida, alheio à ciclovía distante poucos metros, exibindo inocultável prazer nas bruscas manobras de desvio dos pedestres; 6. A mocinha que deixou cair a carteira não conseguia ouvir os que tentavam avisá-la, com os ouvidos tapados pelos fones ligados ao telefone celular, dos quais explodiam acordes de rock and roll, a julgar pelos movimentos de seu corpo, enquanto cruzava sobre os cacos dos copos; 7. A aragem leve que, de súbito, soprou, trouxe semidiluídos os odores típicos de marijuana, vindos de algum ponto próximo, em que alguém queimava um baseado ou, quem sabe, uma 'bucha de *skunk*', dessas contradanças nas vitrines do Red Light District, de Amsterdã, espessas e compridas como um charuto cubano, de aroma mais adocicado e, pela manipulação laboratorial da cannabis, de efeitos psicoativos mais intensos, dada a maior concentração de tetrahidrocanabinol; 8. Não caminhara dez passos quando o motoqueiro,

com mochila em forma de caixa colada às costas, cruzou a calçada à minha frente, acelerando ruidosamente, em ostensiva demonstração de incômodo pela presença do resto do mundo na rota de seu veículo de apenas duas rodas, algo que não guarda grande compatibilidade com algumas leis da física; 9. Na base de sustentação de um semáforo, por falta de cobertura metálica e protetiva do sistema interno de fiação elétrica, a criança de uns três anos tocava os fios com suas pequeninas mãos, enquanto sua acompanhante, certamente mãe, empurrando um carrinho de bebê, com um menininho alheio à balbúrdia circunjacente, de olhos fixos no fluxo de tráfego, dava sinais de impaciência, ao mesmo tempo em que falava ao celular; 10. À entrada de algumas imponentes instituições financeiras, daquelas que nos aterrorizam com os percentuais dos juros que cobram, moradores de rua já se achavam instalados para o pernoite, a alguns passos dos caixas eletrônicos, ao mesmo tempo tão próximos e tão remotos, naquela estreita vizinhança entre a miséria e o dinheiro; 11. Bancas improvisadas, com produtos artesanais, alguns de utilidade dificilmente identificável, outros classificáveis na categoria “gêneros alimentícios”, a descoberto, sob a chuva de monóxido dançando nos ares; 12. Músicos e artistas de rua às dezenas, como os performers de longas posturas estáticas (que em tempos de antanho seriam chamados saltimbancos – um toque de semântica não vai mal numa crônica sobre o cotidiano frustrante!), tendo à frente, sobre o chão, as caixas abertas dos instrumentos ou chapéus à guisa de pequenos cestos, à espera das moedas raras que pingavam a intervalos bissextos; 13. Ah! E algumas portas, já cerradas, em que as pichações não deixavam espaço para um mísero traço ou ponto.

Muito mais poderia ser dito. Fiquemos, no entanto, com essas treze alusões cênicas, em homenagem ao mítico número de tantas polêmicas no universo das superstições. À primeira vista, o título da crônica poderia ser outro: “O Corredor dos Incautos”, por exemplo. Mas, com certeza, não abrangeria todos os aspectos subliminares que permeiam o fluxo narrativo, além de não fazer justiça a muitos dos protagonistas, cuja presença nesse território babilônico não decorre da imprudência, mas da necessidade, ou de outras desditas.

A propósito, de que território se trata? Ainda que se afigure inacreditável, essa babel contemporânea, que lidera os dados estatísticos de roubos e furtos diários de telefones celulares, sem prejuízo de outras ocorrências criminais, é a Avenida Paulista, na cidade de São Paulo, corredor simbólico da pujança que seduz migrantes de toda parte, talvez o metro quadrado de chão ou construção mais caro do país.

Com seus dois mil e oitocentos metros de extensão, a partir da Praça Oswaldo Cruz, a avenida é ladeada por bairros cujos nomes, a despeito das realidades adversas que agredem

os sentidos, são carregados de vibrações positivas, como Paraíso, Bela Vista, Consolação, Jardim América, palavras que evocam aspirações humanas, busca do belo, grandeza, virtude.

Guardadas as diferenças intuitivamente ínsitas a cada situação, essa via urbana aberta no espigão privilegiado, outrora privativo dos barões do café e de seus palacetes, está para a Pauliceia como a 5a. Avenida está para Nova York, ou a 9 de Julho para Buenos Aires, ou a da Liberdade para Lisboa, ou, ainda, a Champs Élysées para Paris.

A interdição do tráfego para veículos, aos domingos, garantindo exclusividade a pedestres, humaniza algumas horas da vida para crianças, famílias, ciclistas; mitiga a dureza magnífica de seus paredões laterais de concreto, vidro e aço; arrefece a aspereza de seu piso negro a clamar por pressa, em que jazem sonhos pisados por bilhões de passos no frêmito diário da metrópole; suaviza as lavas interiores dos que tiveram projetos fenecidos nas impiedosas estratégias do mundo dos negócios e das finanças, no recesso daqueles arranha-céus coroados de antenas, que apontam as alturas, porquanto o homem sempre busca as alturas, malgrado com frequência resvale para os abismos.

O corredor se humaniza e tinge com tonalidades menos acres as severas verdades dos outros dias.

O que a Avenida Paulista é ou significa não se exaure na beleza polimórfica de seus edifícios, na riqueza arquitetônica que à noite splende sob rajadas de luzes policromáticas, ou no atropelo efervescente de suas multidões multiétnicas, a verbalizar falácias e verdades nos balcões, nos bares, nas calçadas, num festival aberto de sotaques e cargas fonéticas que direcionam não só para guetos dialetais brasileiros, mas para vizinhanças de fronteira com as terras da bela e pobre América, para solos de além-mar da Ásia, da África, da Europa, das outras Américas, a caribenha e a do Norte.

Em seu leito, com frequência, juntam-se multidões, que ali permanecem ou dali partem, em marchas ruidosas e longas, armadas de cartazes, bandeiras, faixas com dísticos variados, enganosos ou legítimos, bramindo suas iras, justas ou injustas, berrando suas crenças, defendendo suas ideias e propostas, pró ou contra algo ou alguém. São as manifestações, espetáculos de sincretismos ocasionais ou não, gregarismos fugazes ou constantes, por vezes intermitentes, insuflados por líderes autênticos, pseudolideranças ou pretensiosos obtusos, que encenam momentos pinaculares de grandeza ou urram asnicas retumbantes. Há ouvidos para tudo e cérebros vulneráveis a qualquer tipo de engodo. Os mais astuciosos tocaiam a boa-fé dos mais ingênuos. A sedução é como uma deusa que sobrepara a fragilidade dos homens. Alguns movimentam o braço ativo dessa deidade, outros se tornam os alvos. Trata-se de algo imanente ao pluralismo da existência. Nessas

concentrações, há os que sabem por que estão ali, há os que não sabem, há os que pensam que sabem, há os que estão porque outros ali se encontram.

As “manifestações da Paulista” - estas três palavras já andam juntas, cunhadas em sentença única, inteira e acabada, como são cunhadas as moedas - em geral nascem defronte o Museu de Arte de São Paulo, cujo vão livre de setenta metros com esteio em quatro pilares, em adoção das linhas da arquitetura brutalista da época, que prestigiava a “verdade estrutural das edificações”, abre espaço de amplitude suficiente para abrigar toda espécie de sonhos multitudinários, em especial - assim queira Deus - o de construir um país em que o amor ao chão seja uma divisa a incandescer os corações, em que o apreço à ética ganhe força bastante para reger as ações e o conceito de cidadania seja um farol a orientar a marcha.

Defronte o MASP, do outro lado da avenida, próximo aos gradis do Parque Trianon, a estátua de Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera (“Diabo Velho” ou “Homem que faz fogo”, conforme o ramo dialetal tupi que se queira empregar), conhecido bandeirante de nossa história, ergue-se em postura que não chega a ser majestática ou épica, mas indiscutivelmente decidida e arrojada, como se estivesse a testemunhar as manifestações que ali eclodem.

Esculpido em mármore de carrara, pelo artista Luiz Brizzolara, o Anhanguera ganhou o codinome porque, ateando fogo ao álcool, convenceu os índios goyá de seus miraculosos poderes. Na base de sustentação da estátua, lê-se esta inscrição: “Acharei o que procuro ou morrerei na empresa”.

Que a frase seja uma inspiração, no que ensina sobre a pertinácia e a crença, para os manifestantes que lá se juntam e para todos, interessados na reconstrução de novo Brasil. Oxalá apareçam outros diabos velhos ou outros homens que façam fogo, para exorcizar os fantasmas que nos assombram.

Se assim não se der, visto ser correntia a afirmação de que a história se repete, possam os milagres da metafísica permitir a repetição da famosa cena de Michelangelo diante da estátua de Moisés, que acabara de esculpir. Extasiado com a perfeição da obra, deu marteladas em seu joelho, pedindo à estátua: “Parla Moise, parla”.

Que o espírito do gênio que pintou o teto da Capela Sistina possa aparecer, com seu cinzel e seus instrumentos de ofício, num anoitecer em que as multidões ali se manifestam, e que lhe seja permitido, pelos mistérios da Providência, meter o martelo nos joelhos do Anhanguera, para que este, ganhando vida, desça de seu pedestal e brade aos manifestantes: “Achareis o que procurais ou morrereis na empresa”.

O silêncio das tartarugas

Hayton Rocha

O medo da insignificância social tem um papel decisivo na vida do ser humano. Na metade dos anos 1980, eu já acumulava mais de uma década de trabalho e nutria um sonho nada modesto, desses que preenchem o espaço entre a sexta-feira e o domingo: acertar na loteria esportiva. E apostava semanalmente, até perceber que estava apenas encurtando o caminho dos outros para a sorte grande. Entendi que o verdadeiro azar era insistir.

Hoje, quatro décadas depois, volta e meia me pego repassando antigos devaneios, como aquele em que, sem dinheiro no banco e sem parentes importantes, sou preso, por engano, durante uma viagem em férias a Buenos Aires. Confundido com um perigoso subversivo, acabo nas garras da ditadura argentina — aquela bruxa de saias engomadas e cassetete em punho que tomou o poder de março de 1976 a dezembro de 1983, de início sob a batuta e o bigode do general Jorge Rafael Videla.

E se — imagino eu —, após sessões de tortura que me deixassem cego, mudo e surdo, jamais tivesse conseguido provar minha inocência? E se, por um capricho do destino ou uma assinatura equivocada de um juiz, fosse solto agora? O que encontraria ao sair? Que Brasil me aguardaria, depois de quatro décadas de silêncio? Quem dos meus teria me esperado?

Foi assim que soube da história de outro Jorge, semana passada, num site de notícias. Não o Videla, mas uma tartaruga macho da espécie *Caretta caretta*, nascida no litoral brasileiro, que, em março de 1984, teve a infeliz ideia de atravessar o caminho de uma rede de pesca em Bahía Blanca, na costa argentina.

Capturado por acidente, acabou transferido — num misto de trapalhada logística e descaso científico — para um aquário em Mendoza, no coração da Cordilheira dos Andes. Sim, a mais de mil quilômetros do mar!

Ali, Jorge sobreviveu. Quase quarenta anos nadando em círculos, em água doce, alimentado com ovos de galinha e carne de vaca. Virou atração turística, como quem cumpre pena de prisão perpétua em cela com visitação monitorada — uma penitência disfarçada de zoologia.

Mas um dia alguém se comoveu — talvez descendente de Borges, Quino ou Mercedes Sosa. E outro alguém também, mais outro... Até que 60 mil pessoas assinaram uma

petição pedindo que o animal, coitado, tivesse direito a algo melhor do que um tanque com bifes, claras, cloro e selfies.

A Justiça argentina, sensível ao clamor, autorizou a soltura. Em 2021, Jorge embarcou num voo rumo a um centro de reabilitação em Mar del Plata.

Ali, Jorge reaprendeu o que nunca deveria ter esquecido: a caçar, a perseguir cardumes, a viver sem grades como todo quelônio que habita os mares.

Ensinaaram-lhe que tartaruga que é tartaruga não pede delivery nem come na mão de ninguém. Três anos depois, os biólogos decidiram: ele estava pronto.

No dia 11 de abril deste ano, Jorge foi levado num navio militar, a 20 quilômetros da costa. E devolvido ao mar. Saiu nadando sem olhar para trás, rumo ao norte, ao Brasil. “Ele sabe pra onde vai”, disse uma pesquisadora, com um suspiro que misturava alívio e saudade antecipada.

Desde então, já passou pelo Uruguai, deu uma olhada em Floripa e agora ronda Angra dos Reis. Dizem que busca a Praia do Forte, no litoral baiano, onde provavelmente nasceu. Ou talvez só queira reencontrar um pedaço esquecido de si.

Carrega um transmissor no casco. Toda vez que emerge para respirar, emite um sinal. Como quem diz: “Ainda tô aqui.” Mas o chip tem data de validade. Vai se calar em breve. E, se tudo der certo, nunca mais saberemos de Jorge. O que, convenhamos, será uma bênção.

Não é todo dia que uma criatura sobrevive ao confinamento forçado, à dieta de gosto discutível, ao esquecimento institucional e à vitrine do entretenimento. Jorge é exceção. A maioria não volta. Nem tartaruga. Nem gente.

O próprio site de notícias pontua que, nos anos 1980, um golfinho confinado em São Vicente, no litoral paulista, foi solto precocemente. Morreu pouco depois. Nadar exige preparo, sorte. E tempo.

Fico me perguntando: e se fosse eu, agora, libertado depois de quarenta anos sem voz, sem família, sem amigos? Teria que reaprender tudo: a falar por sinais, a caminhar sem escolta, a confiar em humanos, em manhãs e manhãs. A respirar fora do aquário.

Talvez só me restasse um chip imaginário, colado no peito, avisando de tempos em tempos: “Ainda tô aqui.” Até que o sinal se calasse.

E eu, como Jorge, talvez sumisse sem fazer alarde — não por revolta, mas por ter entendido, enfim, que o mundo continua redondo e gira, mesmo sem a nossa presença.

Os artesãos das sombras

Pedro Amaral Vieira

O luthier está menos casmurro e mais falante que no encontro anterior — que começou mal, pois ao cumprimentá-lo errei seu nome. Ao me entregar meu Di Giorgio 1987 — agora limpinho e com novo encordoamento, no qual dedilharei rocks dos anos 80 me sentindo um Segovia ou um Raphael Rabello —, o homem calvo de meia-idade, ligeiramente barrigudo, me explica, sentencioso, que a melhor forma de acondicionar um instrumento é mantê-lo dentro do estojo, com as cordas voltadas para baixo, debaixo da cama: “Assim, por exemplo, mesmo que um moleque se enfie embaixo da cama — e menino se enfia em tudo o que é lugar —, não vai ter como derrubá-lo, pois ele já vai estar no chão”, arremata. Não posso confrontar a lógica do argumento acaciano, mas pondero, de todo modo: “O problema é que, desse jeito, o cara acaba não tocando, né..?” O luthier sorri, desarmado pelo meu questionamento simplório, e então formula uma sentença em direção oposta, enveredando pela poesia: “Olha, o que preserva um instrumento é a mão do dono. Vejo isso muito, aqui: um cavaquinho, um violão, quando chega cheio de problemas, é porque ficou largado num canto, esquecido”. Assinto com a cabeça; não me interessa o que possa haver de científico na psicologia dos instrumentos musicais, mas não tenho dúvida de que o maior problema para um violão é a mudez.

Luthier, esse termo francês para designar pessoas dedicadas à construção e reparo de instrumentos de corda, me faz pensar em leprechaun, embora os nomes não se pareçam. É que, assim como os duendes irlandeses, que vivem em pequenos arbustos, escondidos nas florestas, ocupados com sua arte sapateira, os luthiers, nas cidades, também habitam lojas diminutas que mais parecem cavernas, ao abrigo do sol, onde dedicam-se a sua faina laboriosa, que envolve devolver a paz a músicos inconsoláveis.

Como os sapateiros, os barbeiros, os professores de ginástica, ou qualquer artesão que viva enfurnado em sua oficina, os luthiers têm um contato bastante limitado com isso que denominamos “mundo”; o seu repertório de conhecimentos gerais, muitas vezes eclético, costuma se basear no que compartilham com a clientela, e é em geral por meio dos clientes que ficam sabendo, por exemplo, que o presidente da república se suicidou. Não sei do que se alimentam, mas imagino que sigam uma dieta trivial, pois não é difícil visualizar, num canto de uma oficina abarrotada de instrumentos, uma quentinha onde repousam restos de almôndegas ou espaguete à bolonhesa, ao lado de um braço de bandolim.

Este que citei vive em Brasília e mantém sua oficina no fundo de uma galeria subterrânea, convenientemente vizinha a uma loja de instrumentos musicais — como um mecânico de automóveis que se instala num posto de gasolina, ou ao lado de um quebramolas. No Rio, noutra ocasião, levei o Di Giorgio a um lepre... luthier que habita, também, uma galeria, protegida da luz e da abundância de vida da rua do Catete. Estava ali um guitarrista afamado, por acaso meu ex-colega de colégio. Os dois conversavam relaxados, sem qualquer sinal de pressa, e a conversa, em que logo me envolvi, passando ao largo de assuntos como tampos, tarrachas e cavaletes, versou inicialmente sobre a hipótese de vida extraterrestre (não chegou-se a nenhuma conclusão, apesar da indisfarçável expectativa), e afinal debatemos o que esperar do 266º Papa da Igreja Católica, que acabava de iniciar seu papado. Esquecemos de mencionar as incursões de Bergoglio pelo rock progressivo.

Os fantasmas tiram férias

Ataide Menezes

Naquele município havia um emprego, digamos assim, do outro mundo: ser um funcionário fantasma no Arquivo Morto, verdadeiro depósito de apaniguados políticos que recebiam sem trabalhar. Eram tantas assombrações lotadas ali que a repartição mais parecia Comala, a vila de *Pedro Páramo*. No dia da inauguração do prédio, em pleno feriado de dois de novembro, cogitaram um padre para abençoar as instalações, mas levaram um médium, que aspergiu ectoplasma de sala em sala. Ele também teve de psicografar o discurso de posse do diretor, pois a autoridade preferiu faltar à cerimônia a interromper uma excursão pelos Lençóis Maranhenses (sim, prezados leitores, o diretor escolheu o destino turístico quando viu a palavra lençóis).

O servidor mais antigo, Gaspar Júnior, estava – ou melhor, não estava – no órgão havia oito anos, desde o início do primeiro mandato do atual prefeito. Responsável pela Subcarimbadoria Interina, chefiava uma dúzia de espíritos. Experiente, costumava dizer aos colegas de *não trabalho* que o fantasma do serviço público, justamente em razão das vantagens da sinecura além-túmulo, está sempre em evidência no coração do invejoso e, portanto, não desfruta da tranquilidade verdadeira, duradoura. De vez em quando, Gaspar citava Nelson Rodrigues: *O morto esquecido é o único que descansa em paz*.

O decano estava certo. Chegada a época de nova eleição, as assombrações do Arquivo viraram tema da campanha oposicionista, e a discussão extrapolou os limites do município. Bem longe dali, um famoso caçador de entidades sobrenaturais tomou conhecimento do caso, apelidado pela imprensa de *Incidente em Antares*. Esse caçador era um profissional tão bom que até *ghostwriter* tinha medo dele. Expulsou fantasma do desemprego, da inflação, da solidão, de rebaixamento de time de futebol. Colocou para correr o Fantasma da Ópera, o de *Canterville* e tantos outros da literatura. Paranormal precoce e criança superdotada, leu Shakespeare aos cinco anos e aprisionou o espírito de Hamlet numa casca de noz. Mas alma penada da burocracia, ah!, isso ele nunca havia enfrentado. Assim, entregou-se ao desafio.

Chegou à pequena cidade e foi direto ao Arquivo Morto. Na recepção vazia, um hálito de sepulcro o atingiu. *Meu Deus, que cheiro péssimo!*, exclamou. Então uma voz atrás dele disse: *Queira nos perdoar, cavalheiro. Infelizmente, a faxineira também é servidora fantasma*. Era um sujeito grisalho, tão magro que parecia um esqueleto: o copeiro, um dos poucos seres que, em benefício das aparências, cumpriam expediente. Os outros, incluindo os estagiários, não

chegavam a uma dezena e, ansiosos por uma promoção *post mortem*, passavam o tempo às voltas com um tabuleiro ouija.

Copeiro de repartição pública – fantasmagórica ou não – é quem mais conhece as entranhas do poder. Ele é uma paradoxal evanescência de carne e osso que circula por gabinetes e corredores com café, água mineral e outros agrados que caibam no orçamento. Também vagueia livremente por reuniões, congressos, seminários. Enquanto serve o café, a água, os biscoitos, finge-se desatento; os outros ao redor, por sua vez, falam sem o menor desassossego na presença daquele sujeito que consideram irrelevante. Ele escuta um pecado aqui, outro acolá, e anota num diário – O Grande Livro do Homem do Cafezinho – não só as mazelas do espírito mas também as da matéria (fulano é invejoso, beltrano é corrupto, sicrano tem intolerância a lactose...). O copeiro é, muitas vezes, um padre involuntário que ouve confissões de quem não quer se redimir. Como eu disse, ele conhece como ninguém os bastidores do poder – e entende que algumas coisas jamais mudam.

Sei bem por que o senhor veio, falou ele. E continuou: *Desista. Entra prefeito, sai prefeito, tudo fica na mesma. Exoneram uma frota de barcos de Caronte e depois nomeiam outra leva de apadrinhados. No final das contas, vão-se os fantasmas e, excetuando-se os de seda e de algodão egípcio que somem nas transições de governo, ficam os lençóis. A política sempre terá um quê de sobrenatural, de fantasmagoria.*

Fez uma pausa, como se estudasse a reação do homem, e prosseguiu: *Além disso, o senhor não vai capturar assombração nenhuma nesses corredores e salas, pois servidor fantasma, por definição, aparece em qualquer canto, menos no local de trabalho. Falando em trabalho, aceita um cafezinho?*

O paranormal ficou calado, talvez cogitando a primeira, única e tardia derrota em sua carreira. Mas ainda não queria se dar por vencido e perguntou: *Sério!? Os servidores fantasmas nunca aparecem por aqui?*

Raramente, explicou o outro. *Quando precisam assinar o requerimento das férias, por exemplo.*

O caçador, tomado pela resignação, apenas disse: *Aceito o café. Amargo, por gentileza. Amaríssimo.*

Rozita

Mariana de Mendonça Braga

Estava lendo um livro sobre adeuses. Palavra feia essa, assim no plural: adeuses. Diria até desnecessária. Adeus está sempre no plural. Não à toa termina com *s* – que me perdoe a etimologia. O adeus ecoa através do tempo, materializa-se de pouquinho em pouquinho a perder de vista. Num telefone mudo, numa esquina que não se dobra mais, numa chave que já não há razão para se levar pendurada no chaveiro. No vazio de poeira deixado pelos contornos de um móvel deslocado do ponto de inércia onde estivera pousado anos a fio. Adeus não é coisa que se diga uma vez só. Mesmo quando se trata de um adeus definitivo. Mas, pois bem, ando com adeuses à flor da pele. E, sobre flores, dizem que não se deve deixar de falar.

Tinha nove anos. Ela, mais de setenta. Porém a impressão era de que sempre tivera mais de setenta. Talvez por isso o espanto. Estávamos sentadas no seu quarto, num sofá-bicama disposto assim perto da janela, onde vira e mexe meu irmão mais velho e eu dormíamos nos finais de semana de folga das diligentes broncas do papai. Conversávamos já não me lembro sobre o que exatamente, quando, sempre à espreita, um desses adeuses nos veio cumprimentar.

Havia já um ano que eu convivía diariamente com a ausência da minha mãe. Uma convivência ora harmoniosa, até mesmo distraída, ora de um incômodo incontornável. Com alguns controversos bons frutos colhidos do meio das aparas da perda. Sim, digo bons frutos, pois da perda da minha mãe acabei ganhando grande proximidade com o outro lado da minha árvore genealógica, uma afetuosa família paterna. E, dessa família, digamos que o galho central – ou aquele do topo? – era justamente ela, a minha avó Rozita. Um ano mais velha que o Cristo Redentor, um ano mais nova que o Mickey. Tão solar e antiga quanto convém ser o centro de um sistema.

A conversa tomou rumos de saudade. De galho em galho, topamos com a testa logo naquele já partido, desfolhado em tempo precoce, bem antes da vinda de previsíveis outonos. Um galo instantâneo tomou a forma de algumas lágrimas compartilhadas e, naquele momento, lembro-me que a confusão que senti chegou a interromper as minhas. Ué. Acho que nunca havia visto a minha avó chorar. Não consegui identificar então se aquele lamento derramado estaria direcionado à morte da minha mãe – a sua nora de quem, até onde eu

sabia, ela não era exatamente uma entusiasta – ou se o choro se justificaria pela recordação já mais distante do seu próprio embarque na canoa furada da orfandade materna.

O fato é que até hoje não consegui me decidir. E agora, entre a dubiedade das primeiras opções, que se desdobraram em outras tantas com o passar dos anos e das revisitações a essa memória, não mais considero que haja uma larga diferença. Ou, pelo menos, que uma alternativa exclua a outra. Sequer acredito que ela mesma soubesse precisar que águas pacatas estariam sendo ali remexidas.

Apenas anos e anos depois a percebi chorando novamente. Na mesma casa, no mesmo quarto, dessa vez na sua própria cama, a qual compartilhara por décadas com o meu avô. Uma cama grande, colchão duro feito pedra, com a cabeceira de madeira entalhada e palha em treliça. Uma cama desconfortabilíssima onde, ainda assim, trapaceei diversas vezes na infância para dela expulsar o vovô e poder dormir embalada por risadas ao lado da vovó. Uma cama cuja possível austeridade se perdia por completo ao amarrarmos duas pontas de um lençol nas extremidades altas da cabeceira e a terceira num prego da parede de onde nós – irmão, irmã, avô e eu, quatro pequenos hereges – removíamos um crucifixo sem dó nem piedade para darmos sustentação à nossa cabaninha perfeitamente arquitetada, cenário ideal para nos entupirmos de brigadeiro de colher, à revelia do julgamento de Deus e dos nutricionistas. Ali embaixo, à parte do mundo, vovó entoava para os netos a cantiga que previa sem saber a passagem por um bosque repleto de amor e, no entanto, chamado Solidão.

Caí então na besteira de lhe contar que tinha uma namorada. Alguns sinais equivocados, certa ingenuidade esperançosa, e pronto. Em um instante, toda a cumplicidade de anos pareceu ter desaparecido. Crucifixo de volta à parede conforme lhe convinha, desta vez pregado em definitivo, com uma força ainda maior do que aquela empenhada para pregar os punhos do próprio Cristo.

Nunca fora religiosa. Irritava-se com o fanatismo e com a falta de praticidade por vezes ocasionados pela fé. Quando recebera a notícia da morte da minha mãe, e em anexo a incumbência de informá-la ao meu pai – ex-marido não oficial e portanto promovido a oficialíssimo viúvo –, teve que pular carniça por sobre os ombros do vovô para ir cumprir a sua missão, pois este se havia ajoelhado diante do seu altar de santinhos e se posto a rezar pela alma da ex-nora.

Vovó, pelo contrário, costumava fazer troça daquilo que imaginava como um tedioso paraíso habitado por anjinhos de fraldas sempre limpas brincando de acertar maçãs com arco e flechas. Dizia que na sua lápide mandaria escrever: “Fui o que és, serás o que sou”, uma cômica e ameaçadora lembrança para eventuais visitas. Como, porém, resolveu nos deixar

em um belo dia de sol em meados de um fevereiro carioca, a família tomou a licença poética de fazer um churrasquinho. Mais tarde, levamos as suas cinzas para a serra e as espalhamos por sobre a roseira do quintal ao som de embargadas juras de amor eterno: “Eu sei que vou te amar / Por toda a minha vida eu vou te amar / A cada despedida eu vou te amar / Desesperadamente”. Vovó, no entanto, assim como nós, também não estava muito a fim de se despedir, e as suas cinzas se mantiveram por semanas grudadas nas pétalas das rosas, fizesse chuva ou fizesse sol, como numa última gaiatice, agora sim para o desespero de toda a família, que havia confiado no vento para prontamente carregar consigo aquela bonita homenagem.

Após a minha confissão, em vez de pai-nossos e ave-marias, a penitência foi passarmos uma semana sem nos falarmos. Ao que eu teria preferido subir mil vezes a escadaria da Penha de joelhos. Mas, a bem da verdade, acho que vovó também. O santo intercessor foi o meu irmão, que fez o meio de campo até que eu fosse à sua casa para, mal ou bem, nos entendermos, completando a santíssima trindade das vezes que a vi chorar.

Vovó costumava dizer que, depois dos 80 anos, não se faz aniversário, mas sim adversário. Certa vez lhe perguntei como era ter a idade que ela tinha – a essa altura, pra lá de uns 85. Respondeu-me que tanto fazia. Que, tirando o corpo, que insiste em virar inimigo, nem sentimos o tempo passando. De repente, olhamos no espelho e nos perguntamos: “Quem é essa velha feia?”. Uma versão um pouco menos lírica de “Em que espelho ficou perdida a minha face?”.

Da minha parte, ainda na casa dos 30, já acho mesmo que o tempo vai passando de fininho: rasteiro, malandro, sem fazer muito alarde nem do que vai levando, nem do que vem trazendo consigo. Mas talvez um jeito algo palpável de se perceber a passagem do tempo seja à proporção da saudade. Talvez pela contagem dos telefonemas não dados, dia após dia, sem que haja um sequer em que não me ocorra o ímpeto de discar aquele número que não mais existe.

Quase uma década depois das farpas fincadas na minha pele, ainda hoje, pela madeira de lei do armário rompido, chegada então a temida debilidade brutal do corpo e da mente a se esvaír, vovó segurava a mão da acompanhante dizendo em uma dicção já quase indecifrável: “Essa aqui é a minha esposa, sabia? É ela quem cuida de mim”. Para mim, irônica evidência de nada além da minha própria ausência como companhia diária, da minha repulsa incapacitante em testemunhar de perto a sua deterioração. Ora implorava pela água que não podia beber, sob o risco de se engasgar, ora cerrava os dentes, fazendo-se granito,

fóssil ainda quente, túmulo de si mesma, recusando-se a ingerir qualquer que fosse o maná celestial que lhe prolongasse o sofrimento em terra.

Ainda no mesmo quarto, ainda na mesma cama, desta vez com lágrimas apenas minhas a encharcar o seu colo, tentava baixinho guiá-la de volta pelo velho caminho das pedras a um vestígio qualquer de consciência: “Se essa rua, se essa rua fosse minha...”. A rua, no entanto, não era minha. E, ainda que fosse, não haveria no mundo pedrinhas de brilhante que bastassem para você passar.

Serão quantas, afinal, as ligações não feitas até os meus 85?

The golden hour

O carinho é um outro caminho do corpo

Julia Baranski

Após doze horas de trabalho de parto, as enfermeiras da maternidade finalmente baixaram o top que eu vestia e colocaram meu recém-nascido apoiado sobre o colo dos meus seios. Instintiva e naturalmente, Caetano abriu a boca minúscula e rosada e, feito um peixinho faminto, agarrou meus mamilos que já tinham começado a produzir colostro. A primeira coisa que fiz ao vê-lo aninhado no meu corpo, foi cheirar a sua cabeça. Depois, com o indicador da mão direita, de forma muito sutil e ainda temerosa, contornei o desenho das sobrancelhas clarinhas de Caetano, ao mesmo tempo em que lhe dizia baixinho: oi, filho, sou eu, sua mãe.

Essa fração de segundo, esse instante único em que o mundo inteiro se move em câmera lenta, é indescritível, como se o nascimento de um novo ser humano — tão escandalosamente frágil, ínfimo — interessasse à espécie inteira; do Alaska ao Japão, de Nairóbi à Calcuta, de Feira de Santana a Salvador, São Paulo, BH. Como se as sete constelações — andrômeda, pégaso, cruzeiro do sul, ursa maior e menor, cão menor e maior, fênix — e o sol e a lua e, ainda, todos os astros em que *tropeçamos desastrados*, as galáxias, as nebulosas, a poeira cósmica, sim, é como se tudo o que existe e respira suspendesse o curso das órbitas para se debruçar por um instante à beira da cama de um hospital onde uma mãe deu à luz a um filho.

Arrisco afirmar que até mesmo Deus suspende a eterna expansão do Universo durante este instante infindo. Deus suspira quando a mãe suspira, sentindo através das narinas de uma mulher — tão amaldiçoada, quanto santa — o cheiro fresco do vérnix que cobre o corpinho do recém-nascido. E Deus chora quando a mãe chora, passando a ponta dos dedos sobre o cabelo fino e macio que, à semelhança de fiapos de milho, cresce sobre o chão do cocuruto de mais uma criança que povoará a terra. E Deus sorri quando a mãe sorri, acarinhando os fios que despontam bem acima dos olhos do bebê em dois arcos penugentos e aveludados. Então, Deus pensa que fez um bom trabalho ao criar os homens e as mulheres e abençoa a nova vida que, em breve, ganhará um nome e o mundo.

Ao final de nove meses, a mãe pode finalmente conhecer o seu bebê. Ela pode ver o seu rosto, que antes era apenas mistério e imaginação. Ela pode sentir o calor da sua respiração, que antes era somente um singelo bater de asas de borboleta às margens do

estômago. Ela pode enxergar aquilo que, durante a gestação, era só uma ideia inacabada de amor. Ao final de nove meses, nesse momento irrepetível, lado a lado, pele a pele, rente ao corpo do filho, a mãe germina.

Por isso, no intuito de tornar real e corporizar a imagem abstrata do filho, a mãe o acarinha, a mãe o cheira, a mãe o beija, a mãe o denga, chamega, faz cafuné. Por isso, no intuito de torná-lo real, filho, eu faço como todas as mães fazem e fizeram um dia; imito o que minha mãe fez comigo e o que a mãe da minha mãe fez com ela e o que a mãe da mãe da mãe de minha mãe também o fez, enquanto penso que não pode ser mera coincidência que tantas palavras doces comecem com a mesma letra do seu nome — colo, casa, carinho, calor; cuidado, carícia, chamego, Caetano. E porque tudo é novidade depois da sua chegada, filho, invento novos significados para as palavras, os sentimentos e as coisas.

Cafuné: ato de coçar a cabeça dando estalidos com as unhas. Encontrar piolhos e adormecê-los. Afago no couro cabeludo do bebê que amamos. Palavra de seis letras, duas vogais e três consoantes. Escrita ao contrário: énufac, com anagrama funeca. Peteleco na orelha, carícia marota, mistura de teoria e prática sem tradução para o inglês. *The boy fell asleep while his mother was running her fingers through his hair*. Gesto de origem quimbunda: *kafu'nu kifunate kajundu*, Dendezeiro baixo e mirrado dentre os demais da plantação. Descansam na ponta dos meus dedos sonhos de caverna e de maré. Um carinho no peixe, outro no gato. Amanhecer de estrelas na lagoa do abaeté. Cultivo de afeto com aroma de madeira, suas roupas cheiram a mirra e aloés. Cafuné, cafuné, cafuné, às vezes doçura, às vezes rapé.

E seguirei inventando até desvendar todos os pedacinhos do seu corpo de 47 centímetros e 3,144 kg, que nasceu às 4h45min de um domingo, no dia 15 de setembro de 2024, em Salvador, em meados do mês de São Cosme e Damião. Bejé ó ró! La ô! Aos poucos, descubro que, nas linhas da sola dos seus pés, é possível traçar o contorno das nuvens, e que as batatas da sua perna cheiram a algodão doce; reconheço que não há nada no mundo mais importante do que lanugem das suas coxas, suaves e fofas como lã de alpaca. Dia após dia, percebo que a sua barriguinha tem cheiro de chuva e de terra molhada e que será ali, no subir e descer do seu ventre, depois de caído o coto — pretinho, pretinho —, que a felicidade criará raízes.

Desta maneira, caminhamos, cientes de que esse gesto entre mães e filhos se repetirá muitas e muitas e muitas vezes depois, até que se constitua o laço, o vínculo, ao mesmo tempo: ternura e prisão. Se repetirá o gesto até o dia em que será o filho quem vai acariciar a mãe, penteando-lhe os cabelos brancos e soprando nos seus olhos embaciados de velhice

a memória daquele instante primevo. Sabendo que, um dia, será o recém-nascido quem soprará baixinho nos meus ouvidos: oi, mãe, sou eu, seu filho.

Uma linha de metrô entre Paraty e São Paulo

Maria Júlia Nascimento

Quando Maria desembarcou na rodoviária do Tietê com sua mala verde e um olhar perdido de quem confunde plataforma com planeta, São Paulo a recebeu com um abraço típico de cidade grande: um bafo quente de escapamento, um empurrão involuntário e um vendedor de chip de celular gritando seu nome (ou algo parecido com “claro, oi, tim?”).

Ela vinha de Paraty, onde as ruas são de pedra, os dias são de sol e as noites têm cheiro de maresia com pastel de camarão. Em Paraty, Maria era conhecida como “a menina que vivia lendo sentada na praça da Matriz”, ou também como “a filha do Zé Paulo e da Octávia”, o que dava a ela uma autoridade histórica local que São Paulo, infelizmente, não reconhecia.

Aos 18, mudou-se para a rua Turiassú, em Perdizes, para estudar e conhecer aquilo que chamam de ensino superior. A faculdade parecia ter sido construída com a intenção de confundir os calouros. Corredores que davam em nada, elevadores que iam só até o terceiro andar, escadas em espiral e professores que começavam a aula com uma citação de Foucault e terminavam com memes do Facebook.

Mas o que verdadeiramente fez Maria perceber que estava em outra dimensão foi o metrô.

Na primeira vez que tentou pegar a Linha Verde, parou em frente à catraca com seu Bilhete Único em mãos como quem oferece uma flor a um touro. O cartão apitou, a catraca girou, ela não. Ficou ali, tentando entender se era pra passar por cima, por baixo ou esperar alguém a empurrar como no futebol de salão.

Um senhor com cara de aposentado e alma de treinador de novatos veio em seu socorro:

— Passa logo, minha filha! Senão vai cair no limbo da Sé!

Desceu na estação errada. Subiu a escada errada. Foi parar na Avenida Paulista achando que estava na Vila Madalena. E quando percebeu, ligou pra mãe em Paraty.

— Mãe, acho que fui sequestrada por um trem que para na estação mesmo quando não fazemos sinal!

Com o tempo, foi se tornando bilíngue: falava fluentemente tanto o “paulistanês apressado” quanto o “paratiense contemplativo”. Aprendeu que “daqui a pouco eu chego”

pode significar “só daqui a uma hora e meia”, e que “perto” em São Paulo é um conceito filosófico e não geográfico.

Em uma terça-feira particularmente caótica, decidiu ir ao Brás comprar tecido pra um trabalho de cenografia da faculdade. Pegou um ônibus errado, depois um certo, depois um errado de novo. Parou em São Mateus. Ou foi Pirituba? Nunca soube. Sentou num ponto de ônibus, já sem esperança, e foi consolada por uma senhora com uma garrafa térmica de café e uma sabedoria que desafiava o Google Maps.

— A gente sempre se perde um pouco antes de se achar, menina. São Paulo é tipo um quebra-cabeça que você monta andando.

Maria começou a andar. E como andava.

Descobriu o Bixiga e seus espaguetes de segunda. A Liberdade e seus doces cor-de-rosa que pareciam ter saído de um anime. A Vila Madalena com suas paredes grafitadas e conversas étlicas às três da manhã. Conheceu um músico em Santa Cecília, um vendedor de livros em um sebo no centro e um cachorro perdido em Higienópolis (que adotou e chamou de “Metrô”).

Em Perdizes, aprendeu a subir ladeiras como quem escala o Himalaia com uma mochila cheia de livros e um saco de pão de queijo. Os vizinhos começaram a cumprimentá-la. O dono da padaria já sabia seu pedido. E o motorista da linha 875C — aquele senhor que sempre ouvia samba bem alto passou a sorrir quando ela entrava no ônibus.

Certa noite, voltando de um show improvisado na Lapa (não a do Rio, a daqui mesmo), pegou o último metrô, desceu na estação deserta da Barra Funda e começou a andar a pé até em casa. Tinha GPS, claro, mas naquele momento confiou mais na lua do que no 3G.

Chovia fino, e ela ria sozinha, lembrando da primeira vez que se perdeu. Agora se perdia por vontade.

Porque foi assim que descobriu que a cidade podia ser selvagem, barulhenta, imprevisível, mas que, no fundo, era como o mar de Paraty: às vezes revoltado, às vezes calmo, mas sempre com algo novo no horizonte.

E no dia em que conseguiu, sem olhar no celular, pegar o metrô certo, descer na estação certa, pegar o ônibus certo e descer na esquina certa de casa, olhou para o céu, sentiu a garoa no rosto e pensou:

“Talvez eu esteja começando a entender essa cidade maluca.”

Ou talvez não.

Mas, pela primeira vez, não fazia questão de saber.

Zanzibar

Beatriz Sousa

Esses dias encontrei um texto que escrevi quando ainda estava na faculdade. Não foi meu melhor texto; na verdade, foi bem esquecível. Mas teve uma frase nele que soava mais como um velho móvel de madeira lascada — sei bem para que servia e conseguia imaginar como um dia ele fora, mas que agora não passa de algo desleixado, com as pontas arregaçadas e que ocupa o canto do quarto como um elefante branco.

A frase era: “Eu não sou o que eu escrevo”.

De fato, se eu fosse analisar o que eu escrevia naquele tempo, não havia nada de mim: era uma estagiária de redação numa pequena agência no interior de São Paulo que precisava escrever sobre colchões caros, cultivo de grama esmeralda, chaves inglesas para apertar as porcas da bicicleta e sobre como planejar uma cozinha com armários inteligentes de acabamento fosco — isso tudo sem nunca ter aprendido a andar de bicicleta, morando de aluguel num apartamento de dois cômodos, que parecia muito maior pela falta de móveis, e dormindo no meu colchão velho, que devia estar comigo desde os doze anos — e os ácaros também.

Olhando por esse lado, eu não era nada daquilo que escrevia, mas, por outro, continuo não sendo o que escrevo. Nas aulas e oficinas que dei sobre escrita criativa, sempre repetia o mesmo mantra: escrever é viver. Dificilmente você vai conseguir escrever sobre algo que não viveu, um sentimento que nunca teve ou sobre um país para o qual nunca viajou. Perdoe-me: até conseguimos escrever, já que, hoje em dia, com a internet, fica muito mais fácil imaginar ou pesquisar sobre o desconhecido. Mas, ainda assim, enquanto você escreve sobre algo que nunca viveu, quase inconscientemente se deixa ir para o lado raso da piscina e, quando menos se dá conta, está revirando num sentimento cognitivo a inspiração que precisa para escrever sobre aquilo que nunca existiu em você. Alguns escritores, os mais mórbidos, até se colocam em situação de risco ou se voluntariam para conviver com pessoas doentes apenas para acompanhar de perto a dor e a morte e assim refinarem sua escrita.

Me peguei pensando nisso enquanto almoçava no meu restaurante palestino favorito da Vila Madalena. Meus amigos do trabalho estavam falando sobre acasos do cotidiano, ou ao menos era o que parecia ser, pois, em certo momento, os olhos de um se juntavam com o canto da boca de outro, os dedos se misturavam aos ombros, e os fios longos, lisos e

iluminados da minha chefe grudavam nas sobrancelhas espessas e bagunçadas do nosso colega de origem árabe. Nessa dança de mitose, eu me perdia, de novo e de novo, novo.

O escritor de *A Letra Escarlate*, Nathaniel Hawthorne, disse uma vez: “Eu não vivi, apenas sonhei que vivia” — e isso resume os meus dias. Pego a linha vermelha e, enquanto minhas mãos seguram a barra de metal, minha mente se fecha para o cotidiano. Não estou mais lá, mas presa no romance que comecei a escrever e que nunca acabei. Lembro do cômodo gelado e escuro da fonoaudióloga que frequentei quando tinha três anos, pois comecei a falar cedo, mas meu raciocínio não acompanhava minha fala (pensava em chocolate, mas falava “*Toddy*”). Queria falar “comprido”, mas falava “*liso*”), além de trocar os “erres” pelos “eles”, como meu *consagrado* amigo Cebolinha. Antes de a doutora me chamar para mais uma terapia e minhas pequenas pernas descerem da cadeira, me transporto para Charles Bridge, tenho 27 anos novamente, o sol está tão forte que vence meus óculos escuros. Ando pela ponte medieval, ofegante e com a franja grudando na testa; a tela do meu celular está censurada pelo sol, não consigo ler a rota do mapa e estou perdida. Agora estou em cima de um palco, mas não estou atuando. É o último conto que eu escrevi, transformei-o numa peça de teatro, imagino a música que toca quando as cortinas se abrem, o jogo de luzes para o terceiro ato e o monólogo que encerra a peça. Precisa ser um ator com voz forte, concluo por fim; ele precisa puxar para fora todo o lirismo do texto sem que fique caricato demais. De repente, “*próxima estação, next station, Tatuapé*”.

A vida vai, mas eu fico.

Como podem ver, boa parte da minha vida passei devaneando, e isso explica por que não me lembro da metade dela. Sei que isso me faz soar como a Grace Pudel de *A Memoir of a Snail* (2024), o que me torna mais uma mulher-caracol que vive embaixo da sua concha e que coleciona manias estranhas do que uma mulher-humana que tem disposição para abrir a porta do seu apartamento (ainda de dois cômodos, mas agora preenchido com móveis), mas preciso assumir: imaginar é mais sedutor para mim. A realidade não foi gentil comigo, mesmo que nem minha própria mente também seja — ao menos nela posso me transportar para Zanzibar sempre que eu quiser.

Em uma das minhas longas viagens de avião, peguei para assistir a um filme que viria a ser um dos meus favoritos: *They Live* (1988). “*Irmão, a vida é uma puta e ela está no cio*”, o protagonista fala após uma das mais emblemáticas cenas de luta do cinema. Dou um sorriso de lado: pode até ser, penso, mas eu sou estéril.

Por mais que eu seja escritora e, como a maioria dos artistas (até mesmo aqueles que não assumem esse desvio feio e ordinário da nossa profissão), coloco uma certa

grandiosidade na minha insignificância. Tento me manter viva desde os dez anos, mas eu nunca vou até o fim — já disse, sou megalomaniaca, acredito que ainda há muito o que eu possa escrever e que ainda existirão muitos que gostarão de me ler. É nesse suscetível pensamento que me mantenho agarrando a vida com os dentes. Mas quem diria: “escrever é viver”, disse eu, ou Lispector, ou Caio F. Abreu, ou algum outro escritor que soltou essas palavras e de que me apossei como se fossem minhas. E, tão difícil quanto depositar algumas palavras em tinta ou o acasalamento de estrofes, é ter coragem e disposição para, sabe, viver.